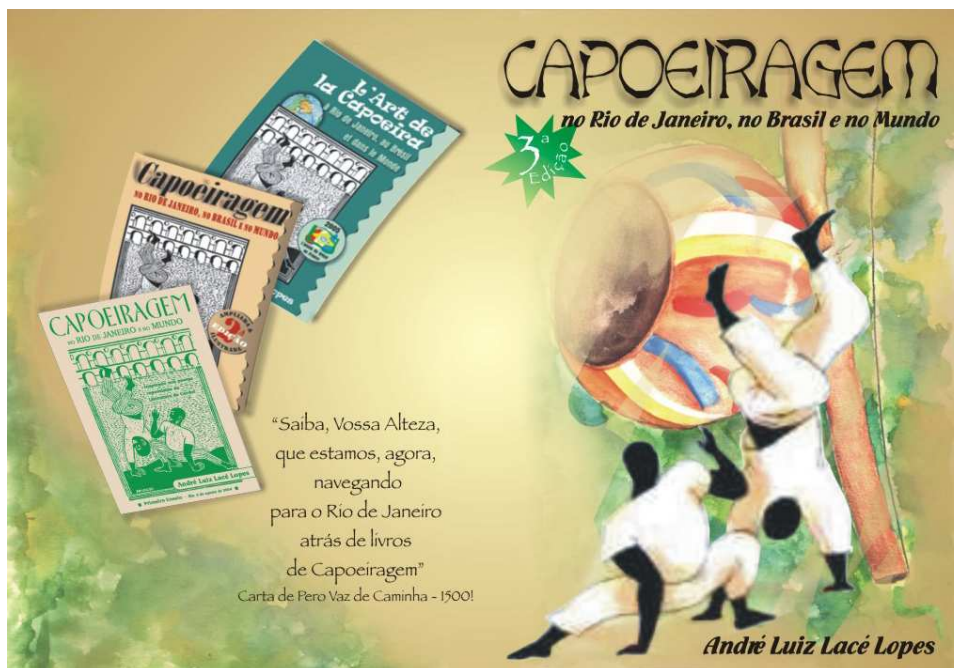


CAPOEIRAGEM NO RIO DE JANEIRO, NO BRASIL E NO MUNDO

Quarta Edição - Ampliada e Ilustrada - abril / 2007



**Inspirado nos poetas repentistas da Literatura de Cordel do Centro Luiz
Gonzaga de Tradições Nordestinas,
São Cristóvão, Rio de Janeiro - Brasil**

André Luiz Lacé Lopes

- Leblon, Rio, Rio de Janeiro - Abril / 2007 -

André Luiz Lacé Lopes

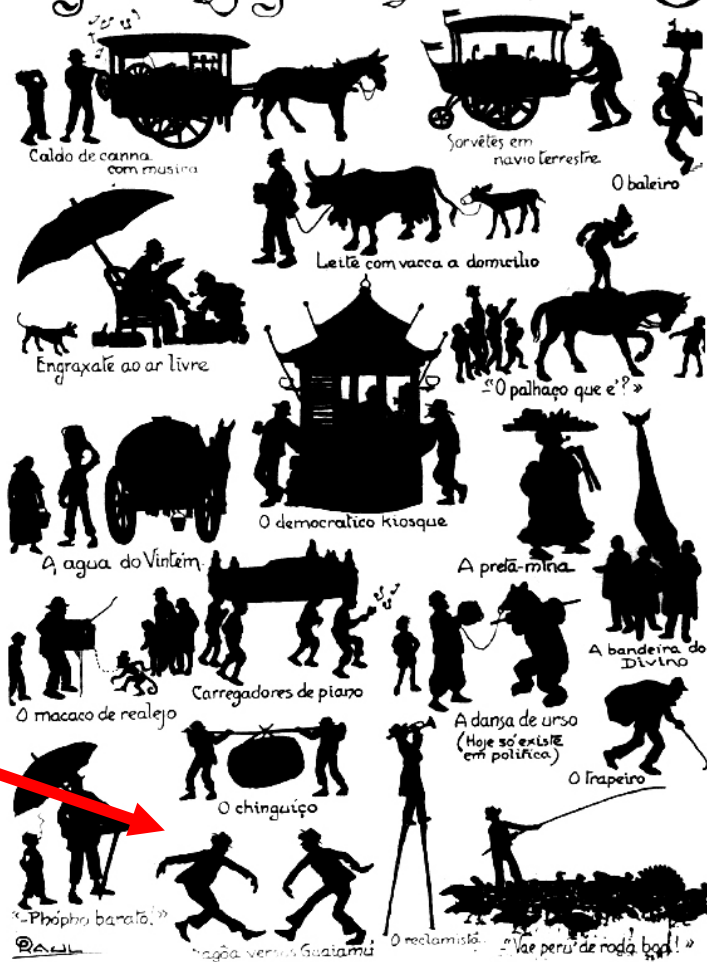
**CAPOEIRAGEM
no RIO de JANEIRO
no BRASIL e no MUNDO**

*Inspirado nos poetas repentistas da Literatura de Cordel
do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas
São Cristóvão, Rio de Janeiro*

Editora Europa

Leblon – Rio de Janeiro
Abril/2007

Algumas figuras de hontem



O projeto modernizador expurga o passado... *Scenas da vida carioca*, de Raul Pederneiras (AGCRJ).

CAPOEIRAGEM NO RIO DE JANEIRO NO BRASIL E NO MUNDO

*Inspirado nos poetas repentistas da Literatura de Cordel
do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas,
São Cristóvão, Rio de Janeiro*

*Quarto Ensaio
Leblon - RIO*

Brasil - abril, 2007

Copyright @ 2004 André Luiz Lacé Lopes

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 1.825, de 20/12/97. É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia por escrito do autor.

Registro Original em Português da 1ª Edição # 008413-VOI em 16.07.04, e da 4ª Edição # 004519-VOI em 04.04.2007 no Escritório de Direitos Autorais, Fundação Biblioteca Nacional.

Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro.

Editoração Eletrônica: Textos & Formas Ltda.
(21) 2516-7997

Editora Europa

Imagem & Texto (21) 3852-8252

Capa: Sisa Resende

Xilogravura (1ª, 2ª e 3ª Edições): Erivaldo da Silva

*Observação: Com base na foto publicada na reportagem do Jornal do Brasil
“Capoeira renasce no Rio com suas velhas tradições” – 22 de dezembro de 1963.*

Ilustrações Especiais: Raul Pederneiras, PASQUIM,

Sylvio Redinger (REDI) e José Costa Leite.

Demais ilustrações / fotos: André Luiz Lacé Lopes (arquivo particular)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lacé Lopes, André Luiz

**A CAPOEIRAGEM NO RIO DE JANEIRO,
NO BRASIL E NO MUNDO
Literatura de Cordel - Quarta Edição
- RIO, RJ – Brasil, 2007**

Registro da Quarta Edição: ISBN: **978-85-7091-041-7**

Capoeira, Capoeiragem: 1. Origem & Trajetória; 2. Importância do Rio de Janeiro; 3. Rio Antigo & Sinhozinho & Lapa Boêmia; 4. Subúrbio do Rio & Baixada Fluminense; 5. Apreciação crítica; 6. Parte rítmica e cantada. 7. Institucionalização & Política; 8. Mestres emergentes e velhos mestres; 9. Volta ao Mundo da Capoeira; 10. Futuro da Capoeira.

CDD 796.069 (81,84)

Índice

Apresentação da Segunda Edição (2005)

- ***“Códigos da Capoeiragem”***

Apresentação desta Edição

- ***Lei “África & Brasil” (Lei nº 10.369, de 09.01.2003)***

I - Capoeira no Navio Tumbeiro

II – Capoeira – Patrimônio Cultural do Mundo

III – Capoeira no Rio de Janeiro

IV – Capoeira Afro-Brasileira

V – Capoeira Rio & Portugal

VI – Capoeira de Sinhozinho

VII – Capoeira na Lapa Boêmia

VIII – A Capoeira Suburbana, da Baixada e do “Estado do Rio”

IX – A “Volta do Mundo” da Capoeira

X – Orquestra, Toque e Cantoria

XI - Congressos Eleitóreiros & Turísticos

XII - Mestres Emergentes e Grandes Mestres

XIII – Teoria Conspiratória e “Uncle Tom”

XIV - Capoeira tem mecanismo de autopreservação

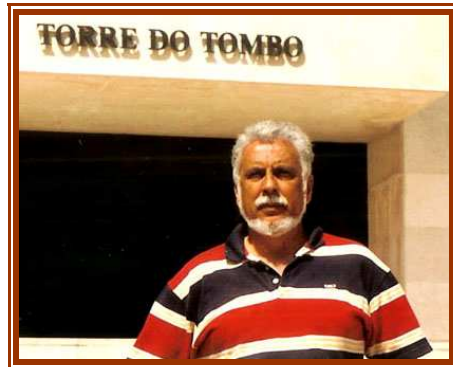
Homenagem aos Poetas Cordelistas

O Autor, sua Obra e registros especiais

Biblioteca Básica do Capoeira – Algumas sugestões

Dedicatória

Homenagem Especial ao Mestre Cartunista REDI



**A famosa Carta de Pero Vaz de Caminha
ao El Rey Dom Manoel foi descoberta, em 1773,
na Torre do Tombo. Muitos historiadores a consideram
a nossa Certidão de Nascimento. Em função do tempo
e da linguagem, evidentemente, até hoje a Carta
tem merecido primorosos estudos, onde algumas versões
ousam mais do que outras. Uma delas, por exemplo,
inclui afirmação que aproveitamos em nossa quarta capa.
Não nos surpreenderá, entretanto, se dentro em breve,
aparecer algum documento “histórico” garimpado
nos escombros da antiga Biblioteca de Alexandria
afirmando alguma outra coisa.**

Apresentação da Segunda Edição (2005) **- Códigos da Capoeiragem**

André Luiz Lacé Lopes

Intróito

A primeira edição foi publicada em agosto de 2004. Extremamente simples, sem ilustração, mas, mesmo assim, prevendo que plágios não tardariam a ocorrer (é rotina).

*Na segunda edição do cordel publicada em fevereiro de 2005, seguindo o exemplo da grande maioria dos escritores, aproveitei para fazer algumas alterações. Duas logo se destacaram: 1. Inclusão e substituição de fotos e ilustrações diversas; e 2. Substancial e inusitada **Introdução**, onde, mandingueiramente ou não, são feitas reflexões sobre imaginário paralelo entre os "Códigos da Capoeiragem" e o livro "Código da Vinci", do não menos polêmico Dan Brown (claro, como diria Mestre Caiçara, "cada qual no seu cada qual").*

Na edição francesa do cordel, editada logo depois, fui mais adiante, pois, além de plantar os tradicionais recados nas entrelinhas, plantei também algumas charadas.

O uso das entrelinhas, entendo eu, economiza papel e estimula os pesquisadores. Quanto às charadas, além de brincar um pouco com a Teoria da Conspiração, para ficar em SETE, número cabalístico, transformei a principal, em "mistério especial". Justamente na página da dedicatória, com base no melhor quadro da minha própria sala de visita, que reúne um pouco da Mona Lisa (Vinci), da Senhora Sabasa Garcia (Goya), da Madame Henriot (Renoir) e da mulher sergipana. Uma dessas senhoras conhece mais capoeira do que muito mestre que anda por aí professorando.

*O lançamento cinematográfico do livro de Brown, no mundo todo e com grande sucesso de bilheteria, tem ensejado a transcrição dessa **Apresentação** em vários jornais e revistas de Capoeira, especialmente na Internet. Não poderia, portanto, ficar de fora dessa terceira edição.*

Códigos da Capoeiragem

Dan Brown, autor do best-seller "O Código Da Vinci", segundo alguns mestres, estaria fazendo muito mais sucesso se tivesse escrito "Os Códigos da Capoeiragem".

Realmente, a Capoeira tem muitos códigos.

Certa vez, em Nova Iorque, comparando sua querida Capoeira Angola com uma outra (extremamente estilizada), o extraordinário **Dr. João Grande** confidenciou-me:

- "Esta aí de que você fala, quando muito, tem um feitiço só, a Angola tem vários...".



A tese doutoral do escritor-premiado, **Luiz Sergio Dias** - "**Da turma da Lira ao cafajeste, a sobrevivência da Capoeira no Rio de Janeiro na Primeira República**" -

leitura que recomendo a todo capoeira-pesquisador, dá excelentes dicas ao Dan Brown da vez. O saudoso Mestre Caiçara nos deixou precioso legado sonoro, um canto bonito com letras cheias de filosofia expressas de maneira simples e mandingueira. **Pedro Trindade Moraes**, grande mestre, é outro excelente cantador de fundamento. **Mestre Zé Pedro**, vencedor do **Festival de 1 Corda Só**, que promovi décadas atrás, é um dos poucos que sabe fazer um **Preceito** em plena Roda. E por aí vai.

Essa riqueza imensa da Capoeira, inigualável e fascinante, vinha sendo transmitida muito bem, sem nenhum ruído assustador, através da comunicação oral simples e direta. Deixando sempre bem patente que o verdadeiro cantador de capoeira, além de ritualista, é, também, naturalmente, jornalista, cronista social, contador de História e estórias, feiticeiro (na melhor acepção da palavra), pregador, professor, um menestrel moderno, enfim, um "*cordelista*" ao som do berimbau.

Não é à toa que boa parte das ladainhas dos angoleiros baianos é inspirada na *Literatura de Cordel*. Sendo maior exemplo, a famosa peleja de "Manoel Riachão com o Diabo", do **paraibano Leandro Gomes de Barros**, que serviu de base, também, para alguns corridos de Mestre Bimba, na *Capoeira Regional*. Ora, tomar como base a boa experiência de terceiros não é crime, o livro de **Zuma Burlamaqui**, por exemplo, correu o Brasil inteiro e, indiscutivelmente, inspirou outros trabalhos similares. E daí? Tudo isto só enriquece a cultura geral do mundo. A menos que se queira parar o Tempo, parar o Mundo e colocar uma roleta no passado para cobrar direitos autorais.

Cordéis, especificamente sobre capoeira, não se pode negar, já existem três ou quatros. Todos feitos de encomenda, ingenuamente ufanistas. Nenhum, até agora, com a preocupação de refletir e sugerir reflexões sobre o verdadeiro passado, presente e futuro da Capoeiragem. Mas, o Momento estava cada vez mais propício para este tipo de iniciativa. Tanto assim, que logo após a publicação da 1ª edição deste Cordel, **Miltinho Astronauta** (o legítimo) repicou de São José dos Campos, com um outro, muito bem feito. Também de Coimbra, de doutoranda-capoeira e fadista, recebi interessante cordel. Merecendo especial registro, o Cordel idealizado pelo excelente **Mestre Robson Martins Ramos Santos** (Aracaju, Sergipe) do Grupo de Capoeira Angola ABAÔ, e materializado pelo poeta-cantador Chiquinho do Além Mar. Esse cordel, exemplar, registra até sua fonte inicial de inspiração (um belo exemplo, portanto, para quem copia tudo dos outros, coloca data anterior e sai publicando livros e fazendo palestras).

Esta tendência atual - preocupação crítica mais cuidadosa - é mundial: todos os capoeiras começam a perceber a importância de mergulhar mais fundo. Até porque, capoeiras de vários países já começam a indagar que ladainhas, que corridos, que chulas devem cantar, se podem criar novos cantos sobre temas locais de suas respectivas regiões, se podem cantar no próprio idioma!?

Que orientação o Brasil deve dar? Que orientação os mestres brasileiros que lideram as rodas do mundo devem dar?

Maestros, sociólogos, antropólogos, folcloristas, historiadores devem ser ouvidos?

Ao assistir, na famosa Academia de João Grande, toda a "gringalhada" cantando no mais fino português-brasileiro, fiquei emocionado.

Mas, com o passar do tempo, avaliando a enxurrada de péssimos cds de capoeira brasileira que está sendo "vendida" no exterior, avaliando os cantos das rodas brasileiras, sobretudo, as rodas e os tragicômicos "workshops" de brasileiros no exterior (com raras e honrosas exceções), mudei de idéia. Os cantos de agora, especialmente os criados por essa tal capoeira estilizada, de um modo geral, são realmente ruins. Ou não fazem sentido algum, ou são extremamente alienados e alienantes. Muitos, inclusive, hipocritamente falando em "Inclusão Social" e "Negritude", "Igualdade e Paz Social", quando, na realidade, na maioria das vezes, "vendem" apenas "Exclusão Social" e preconceituoso "aburguesamento da capoeira". Mais do que antes, proliferam agora

mensagens de ufanismo completamente idiotas, em contraponto com o que ensina a verdadeira filosofia da Capoeira.

O que nos leva ao grande "X" do atual problema da cantoria na Capoeira:

- **Estarão** mesmo perdendo qualidade os cantos de Capoeira, estarão fugindo às suas tradições, aos seus fundamentos, à sua ideologia?

Considerando o sucesso que a Capoeira vem alcançando na sua **volta ao mundo**, surge, ainda, outra importante questão, já insinuada neste texto:

- Como exigir, por exemplo, que o resto do mundo, cada vez mais fascinado pela Capoeiragem, apenas cante em português as cantigas de capoeira "made in Brazil"?

Neste caso, que **corrido** o estrangeiro deverá cantar, o que Mestre Bimba aproveitou (e o fez com propriedade) de Leandro, ou os originais do próprio paraibano? As primeiras estrofes da famosa peleja acima mencionada, muito cantadas pelos angoleiros, ou o cordel inteiro de Leandro?

Isto quanto ao canto de capoeira inspirado em cordéis, e quanto aos novos cantos de paladar aburguesado? Aonde quero chegar?

Ora, na falta, portanto, de cantos de capoeira que reflitam realmente a História, os Fundamentos e, sobretudo, a saga social da Capoeiragem, como negar, frente a esta realidade, que um estrangeiro com talento e inspiração componha na sua própria língua, novas ladainhas e corridos de capoeira?

Na escassez de tais cantos magistrais (existem, é claro, alguns excelentes, bastará lembrar o mais genial de todos, feito por Vinicius de Moraes), não será absurdo exigir que o aluno-estrangeiro continue repetindo, que nem um papagaio sem imaginação e sem personalidade, a louvação (alienada) dos outros? Não será mais razoável estimular em cada um a criação de canto próprio, a própria composição, o próprio verso, desde que, é lógico, venha impregnado da verdadeira filosofia e musicalidade da capoeiragem?

Que cada um, pois, passe a retratar sua própria imagem existencial, louvando sua história pessoal e a história de sua terra natal. Mas não sem antes, prudente e humildemente, ouvir muito os velhos mestres de berimbau e de cantoria; meditando muito sobre a responsabilidade dos versos, e até do "blue note".

Até porque, se a Bahia, além de sua brilhante luz própria, achou por bem copiar alguns cordéis da Paraíba; por sua vez, o próprio Brasil, copiou o cordel da Europa. Sim senhores, desde a fase de conquistas dos governos greco-romanos (sempre os governos...), desde os desbravadores fenícios...

O genial verso improvisado dos menestréis, trovadores e jograis deu sua "volta do mundo", passando, também, evidentemente, por Portugal e Espanha (Século XVI). Já nesta sua origem, o cordel nascia, conscientemente ou não, com função jornalística, pois retratava sempre os costumes e o dia-a-dia da região e do mundo. O cordelista, por definição, um andarilho, tinha como missão, cantar em versos improvisados, as histórias de suas andanças e a História do Mundo. Sempre entremeando, é claro (ninguém é de ferro...), com pitorescas e criativas fantasias de reis, rainhas e reinados. O que, aliás, lembra muito as fantasias e fanfarrônicas da nossa capoeira estilizada. Mas o fato é que o canto do poeta repentista funcionava como verdadeira aula de História, onde, muitas vezes, o ouvinte aprendia mais do que na escola...

No começo tudo era totalmente oral, com o tempo, graças a Gutenberg, os "improvisos" começaram a ser impressos em pequenos livretos ilustrados. Este sistema foi sendo batizado de diversas maneiras pelo mundo afora. Na França, foi rotulado como "littérature de colportage" (literatura volante), mais dirigida ao meio rural, através do "occasionnels", enquanto nas cidades prevalecia o "canard". Na Inglaterra, esses folhetos eram denominados "cocks" ou "catchpennies", quando relacionados aos romances e às histórias imaginárias; e "broadshides", quando mais relacionado aos fatos históricos. Na

Espanha, "pliegos sueltos". Na América Latina Espanhola, "hojas", "corridos" ou, como prefere a heróica Cuba "pie forzado".

Em Portugal, "folhas volantes", "folhas soltas" ou, "literatura de cordel", devido ao fato dos folhetos ficarem dispostos como roupa pendurada em cordão, cordel ou barbante, durante as feiras onde eram expostos e vendidos, normalmente por cegos.

Por razões óbvias, herdamos a expressão *Literatura de Cordel* de Portugal.

Que recomendar, portanto, relevem a insistência, ao jovem mestre do Maranhão, de Santa Catarina, de Montevideu, Buenos Aires, Caracas, México, Los Angeles, Nova York, Nova Jersey, Quebec, Lisboa, Coimbra, Paris, Londres. Roma, Viterbo, Tóquio, enfim, o que recomendar para todo Brasil e para o resto do Mundo?

Para mim, a solução é muito fácil, bastando evocar meu querido e saudoso amigo Mestre Caiçara, baiano da melhor qualidade: "cada qual no seu cada qual". E, claro, reforçando o sábio conselho com a mensagem de cautela, também da safra de Caiçara: "roupa de homem não dá em menino".

Com isto, estaremos prontos a decolar de qualquer lugar para qualquer destino. Iê!

André Luiz Lacé Lopes

Em tempo:

1. O presente Cordel, evidentemente, não cobre toda a legião de mestres do Rio de Janeiro ou que passaram pelo Rio. Muito menos, portanto, cobre a legião de mestres do Brasil e do Mundo. A exemplo dos meus livros anteriores e de todos meus artigos, cito um ou outro, em função do contexto do capítulo e do grau de aproximação que tive com cada um. Respeitando os mestres que preferem o anonimato, e evitando os mestres que, pragmaticamente, pagam para ganhar imagem pública (o que, diga-se de passagem, não é pecado). Tenho fé, entretanto, que um belo dia, o governo e seus eventuais apoiadores mestres de capoeira reduzam o número de congressos-piquenique e projetos assistencialistas e eleitoreiro, e partam para projetos mais adequados aos fundamentos e ao momento capoeirístico, como, por exemplo, a realização dos dois projetos básicos que, há décadas e sempre em vão, venho recomendando aos governos e às lideranças capoeirísticas: 1. "Atlas da Capoeiragem" (verdadeiro Diagnóstico Geral) e 2. "Memorial da Capoeiragem". Aí sim, todos mestres deverão ficar, com toda razão, imortalizados.

2. Os mistérios apresentados ao longo do livreto (incluindo-se o "mistério especial") podem ser solucionados, em grande parte, através da leitura dos livros anteriores, muito especialmente, "**A Arte da Capoeiragem no Rio de Janeiro – Sinhozinho e Rudolf Hermann**", Editora Europa, RIO – 288 páginas – 2002. Ou, ainda, através do site do autor: www.andreluizlace.cjb.net.

3. Como previsto na primeira edição desse cordel, a exemplo de "ODC", Zuma Burlamaqui, Sinhozinho e outros, guardando as proporções, esse trabalho já foi também plagiado. Da capa (Arcos da Lapa de fundo; primeiras edições) ao texto inicial (influência dos cantadores da Paraíba).

APRESENTAÇÃO desta Edição

- *Lei “África & Brasil” (Lei nº 10.369, de 09.01.2003)*

Sessenta e oito anos de vida, quase cinquenta de capoeiragem. Primeiro aprendendo e ensinando o básico, depois, escrevendo artigos e livros, e fazendo palestras pelo Brasil e pelo mundo afora. Sou testemunha, portanto, modesta que seja, do crescente sucesso que a Capoeira vem alcançando, quase ironicamente, depois de ter sido em passado longínquo até proibida pelo Código Penal Brasileiro.

Perguntam-me às vezes (minha mulher, constantemente) porque ainda escrevo tanto sobre o assunto. A resposta, com humor, é sempre a mesma: “ninguém gosta da capoeira impunemente”. Além do que - penso com meus botões, talvez por cacoete profissional de administrador e jornalista – acabei assumindo o sempre polêmico papel de questionar o que é realmente questionável, de expor e refletir sobre o contraditório. Mesmo sabendo do inevitável risco de ser mal compreendido por alguns durante algum tempo (mas não por todo mundo, o tempo todo).

O fato, prezado leitor, é que até hoje ninguém conseguiu de maneira racional refutar minhas posições. Uma das mais contundentes, sem dúvida, é quando afirmo que a Capoeira Contemporânea, mais conhecida como Luta Regional Baiana, a rigor, não é Luta, nem é Regional, nem totalmente baiana. Como luta, sem sombra de dúvida, bebeu na fonte da capoeira do Rio Antigo, há farta documentação comprobatória, contra a qual esperneiam apenas fracas e patéticas, às vezes históricas, tentativas de desmentidos. Musicalmente bebeu na fonte da cantoria do nordeste (Literatura de Cordel), especialmente dos poetas repentistas da Paraíba (já escrevi a respeito). Teve também, no sentido social de suas canções e na concepção guerreira, sem sombra de dúvida, alguma influência militar e da burguesia, sobretudo, baiana e carioca. Sem de longe esgotar a análise, a Regional só decolou para o Brasil e para o mundo depois de adotada pelo Grupo Senzala, no Rio de Janeiro. Grupo que, por sua vez, também bebeu em várias outras fontes, visitando as famosas rodas dos Mestres Artur Emídio, Pernambuco, Zé Pedro, Mário *Buscapé*, *Leopoldina* e outros excelentes mestres, incluindo-se alguns seguidores da famosa capoeira utilitária de Agenor Sampaio (Sinhozinho), como Neyder Alves e Rudolf Hermann. Aliás, a grande maioria dos alunos mais notáveis de Mestre Bimba treinou e treina também outras lutas. E a tendência atual, confessadamente ou não, é aprofundar esse caminho, ou seja, vários jovens mestres da Regional estão caminhando em direção ao “Mix Martial Arts”.

Por outro ângulo, mas com base neste mesmo quadro, em hipótese alguma, a Luta Regional Baiana poderá pretender ser considerada fenômeno popular, de cunho folclórico. Posto que um dos princípios basilares do fenômeno *Folclore* é não ter autoria, muito menos datas bem definidas de nascimento e regulamentos formalmente estabelecidos.

Daí a relação, se permitem o uso de figura retórica, de **Amor e Ódio** que a “Luta Regional Baiana” tem com a Capoeira Tradicional, especialmente a que passou a ser rotulada genericamente de Capoeira Angola.

Sem amparo histórico, sem os fundamentos da capoeira “antiga”, a “Capoeira Contemporânea” perde grande parte do seu mérito e sentido, daí a **Relação de Amor**. Por outro lado, essa capoeira estilizada, no início, não escondia e, atualmente, nem

sempre esconde que surgiu para desbancar a capoeira antiga, por "ser em tudo superior a ela", sobretudo, mais eficaz (?) e mais bonita (?). Daí a **Relação de Ódio**.

Matreiramente, alguns pesquisadores de aluguel começam a tentar vender a teoria que, no fundo, Regional e Angola são uma coisa só. Não são.

Tempos atrás perguntei ao mandingueiro e saudoso Mestre Caiçara, por que numa verdadeira Roda de Angola, jamais se jogava Regional. A resposta veio cheia de malícia:

- *Pra quê?*

De outra feita, em Nova Iorque, o Grande Mestre João Grande deu-me resposta parecida que transcrevi em um de meus artigos e na Introdução da 2ª Edição desse libreto.

Mas, como explicar, então, o sucesso dessa capoeira contemporânea (nome genérico) no mundo todo?

De várias maneiras. Liste algumas boas razões no meu livro "Capoeiragem no Rio de Janeiro, Sinhozinho e Rudolf Hermann" (pág. 251), mas salientaria agora a maior delas, **o Deus Marketing** - que parece, aliás, comandar o mundo todo, dentro e fora da capoeiragem. Sendo a capoeira contemporânea predominantemente de classe média, sabe como ninguém preparar projetos e conseguir verbas públicas e privadas. Quem fizer levantamento a respeito, com facilidade, comprovará isso na ponta do lápis. Quem esteve em Paris em 2005 (Ano Brasil & França) ou na Alemanha, durante a Copa do Mundo (Futebol, 2006) certamente terá reparado o alto teor de capoeira estilizada presente. Sem dúvida, em grande parte pelo mérito de seus mestres, mas, sem dúvida também, por generosas verbas públicas que para esses (e não aqueles) foram e sempre são liberadas.

Dentro do Brasil, evidentemente, os efeitos desse diabólico *marketing* são ainda mais intensos nas regiões historicamente expressivas na prática da capoeiragem. A ponto de estados como Maranhão, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro e vários outros, passarem a vender também versões fantasiosas sobre capoeiragem. Especialmente no Rio de Janeiro, cidade onde moro há mais de 60 anos, acompanho com pesar a total incapacidade das lideranças capoeirísticas apresentarem projetos realmente significativos. Com raras e honrosas exceções, devo acrescentar, como o caso do Sr. Luiz Antônio de Abreu, **Mestre Grilo** (Associação de Capoeira Arte Nobre), que produziu um excelente Cd louvando os méritos de **Sinhozinho & Rudolf Hermann** e outros, os únicos que fizeram luta de capoeira de verdade. Estava eu fechando essas linhas quando recebo telefonema do Sr. Geraldo Costa Filho, Mestre Gegê, pesquisador atento e isento, anunciando sua nova composição capoeirística cujo tema ajuda a esclarecer o obscuro e crucial combate entre os capoeiras de Sinhozinho e os de Bimba. Recomendo também esse trabalho.

A rigor, caro leitor, a Capoeira Regional está devendo ao mundo uma prova séria e irrefutável de seus méritos como **luta eficaz**. Até porque, é praticamente impossível discordar da maioria absoluta dos bons lutadores das demais modalidades de LUTA, quando afirmam que a Capoeira Regional, no fundo, não passa de luta teatralizada. Um dos mais famosos lutadores de jiu-jitsu de todos os tempos (citei esta passagem em um dos meus livros) chegou a declarar que bastariam, no máximo 10/15 segundos para vencer qualquer lutador de capoeira regional. Salvo se for luta combinada (marmelada), como, aliás, há registros na História.

Que fique bem claro, entretanto, que, não obstante tais óbices, especialmente os dois acima mencionados, existem excelentes mestres na capoeira regional. Mestres que, inconscientemente ou não, já perceberam ou estão começando a perceber a importância de alguns ajustes na Arte que praticam e vendem. Pois, afinal, se a Vida é Dinâmica, se o Folclore é Dinâmico (mestre Edison Carneiro!!!), por que a Regional não seria?

Tanto assim que se nota na capoeira moderna (Regional e outras), como adiantei inicialmente, curiosa e sintomática bifurcação: os jovens mestres com perfil mais guerreiro estão tratando de complementar seus conhecimentos em academias de jiu-jitsu, vale-tudo etc (até a Capoeira Utilitária de Sinhozinho tem sido pesquisada); e os mestres com perfil mais de jogador mandingueiro estão aprofundando seus conhecimentos nas capoeiras tradicionais, especialmente a Angola.

Por oportuno, volto a sugerir *Laboratórios de Capoeira-Luta*. Eventos que poderiam ser realizados, por exemplo, no **XGym & Black House**, no Recreio, RIO, (Mestres Jorge Guimarães, Carlão Barreto, Rogério Camões, Valquenares Oliveira...).

E, certamente, promovidos pelo “Premiere Combate” (TV a Cabo) e revistas especializadas como a TATAME. Nesses laboratórios, os melhores lutadores, inclusive da Regional, lutariam com os melhores lutadores das demais lutas (nas mesmas condições gerais de peso, idade, tempo de treinamento etc). Não tenho dúvida que, havendo essa iniciativa, a Capoeira de Sinhozinho aflorará absoluta, até porque o Prof. Valquenares foi aluno de Rudolf Hermann...

Aqui mesmo no Rio, sempre pioneiro, apesar dos pesares (ou o *Mix Martial Arts* não nasceu em seus subúrbios?), e em minhas andanças pelo mundo, sempre que aparece oportunidade entrevisto mestres de capoeira e de outras lutas - Boxe, Jiu-jitsu, Jiu-jitsu Brasileiro (crédito para os Gracie), Judô, Kendo, Kickboxing, Muay Thai, Sambo, Tae Kwon Do, Aikido, Karate, Karate Americano, Greco-romana, Kung Fu (Wu Shu), Savate, Vale-Tudo etc, fazendo sempre a mesma pergunta básica:

- *Seria a Luta Regional Brasileira superior a todas as demais modalidades de luta?*

É quase consensual que a capoeira regional jamais ganharia, nem em ringue, nem em quadra multi-esportiva, nem mesmo dentro de uma típica roda de capoeira. Em que contexto, afinal, será possível afirmar que a luta regional baiana é “eficaz”?

Seria o “pulo do gato” o grande diferencial?

Mas esse amor pela capoeira faz a metralhadora girar também para o lado da capoeira tradicional, especialmente para o segmento aparentemente mais preocupado com a importância da **Negritude**. *Aparentemente* ou não, registre-se, sempre levará neste quesito flagrante vantagem sobre a Capoeira Regional que, embora utilize um grande símbolo negro como bandeira ideológica, pouco a pouco, vai embranquecendo e aburguesando a capoeiragem. Ou alguém já participou de um grande evento promovido pelas lideranças da chamada Capoeira Regional (seminário, congresso etc) que apresentasse a Negritude como um de seus temas?

Claro que se trata de fator (Negritude) mais do que importante, é simplesmente essencial; mas, claro, também, que mesmo os movimentos negros dentro da capoeira merecem alguns fortes reparos. O primeiro reparo é clássico e tradicional, comum a todos os movimentos: o risco permanente de ver suas lideranças cooptadas pelo “inimigo”. Estudei o assunto mais a fundo, quando fiz meu mestrado em Nova York, cheguei a escrever um “paper” (“Black-White Society”, Professor David R. Burgest – tirei “A plus”) sobre o **líder profissional**. Minha principal crítica, entretanto, é dirigida ao líder ingênuo, aquele cheio de salamaleques de inspiração africana, especialmente os voltados para o mundo da religiosidade. Saudações africanas e gestos aparentemente secretos durante o começo de uma “volta do mundo” são freqüentes. Discursos sobre a escravidão, antiga e atual, também. Pois muito bem, acredito que já esteja na hora de aprofundar e atualizar esse quadro, esse discurso surrado e até preconceituoso em relação às próprias culturas africanas. Da mesma forma que já está na hora de mestres pararem de visitar países africanos, especialmente Angola, como se fossem verdadeiros messias caboclos das misturadas (e fascinantes) culturas brasileiras. Reclamamos tanto do imperialismo cultural ianque, estamos fazendo o mesmo em relação à África. Um desses mestres, por

exemplo, do grupo que plagia e insiste que é autêntico, foi a Angola e voltou produzindo camisas e apelidos com nome de animais em extinção. Em nenhum momento, entretanto, lembrou que o animal africano que corre o maior risco de extinção, é justamente o bicho-homem, é o cidadão africano. Alunos desse mesmo mestre foram ao Oceano Índico para ensinar aos “morenguistas” da Ilha de Reunião (jogadores do antiquíssimo Moringue, sem dúvida, avô da nossa Capoeira) a “capoeira autêntica”, ou seja, a embranquecida, aburguesada e domesticada...

Tais reflexões tomam dimensão das mais importantes, justamente agora, em função da Lei nº 10.369, de 09.01.2003 que, como se sabe, *alterou parcialmente a Lei nº 9.394, de 20.12.1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”*. Iniciativa mais do que louvável e oportuna que, ao ser implementada, deverá certamente incluir a fascinante “História Afro-Brasileira da Capoeira”. Com toda razão, portanto, mestres de capoeira passaram a sonhar com uma chance nesse novo mercado de trabalho que surge.

Daí porque, embora assumindo função bem antipática (parece ser minha sina), em palestra que fiz meses atrás, na Universidade Estácio de Sá, na presença de vários mestres interessados, deixei claro que conhecia poucos “professores” de capoeira capacitados a assumir uma disciplina dessas. Talvez um Pedro Moraes, em Salvador, um Berg, aqui no Rio, e nada mais.

A menos que se resolvesse encher o tempo de aula, tocando berimbau, cantando canções (de modo geral, bem alienadas e alienantes), falando de “importantes legados” das culturas africanas como a feijoada, o baticum e as cadeiras da mulata. Sem negar o mérito de tais influências, tratei de demonstrar na ocasião (palestra) o que poderia e deveria ser feito. E, sobre isso, mais tarde, escrevi o artigo **“Receita para visitar Angola”**, onde, basicamente, recomendei leitura atenta dos livros de Nei Lopes, em especial seu mais recente trabalho - **KITÁBU, o livro do saber e do espírito negro-africano**. Livro estruturado em dois grandes volumes. O Volume I – O Antigo Legado – História e Tradições Negro-Africanas – por sua vez, subdividido em cinco partes: Congo, Mina, Takrur e Sengâmbia, Etiópia e Zambézia. E o Volume II, dividido em 4 partes: Brasil e Rio da Prata, Caribe Hispânico, Caribe Francês, Suriname, Caribe Britânico e Estados Unidos.

Livro, repito, que deve ser lido e relido, várias vezes, por todo aquele que pensa em entrar numa escola para professorar sobre o assunto (Lei nº 10.369!). Mas, se eu fosse pressionado a destacar alguma parte, mais palatável à Capoeira e aos alunos brasileiros, destacaria os apanhados sobre provérbios regionais africanos. Até por que, esses ajudam a evidenciar um discreto preconceito de todos nós, qual seja, o entendimento que a África, culturalmente, só contribuiu com seus “extravagantes” ritos religiosos, jamais com algum tipo de Filosofia Pura.

Sem, nem de longe, esgotar o repertório, valerá, pois, transcrever alguns desses provérbios. Muitos dos quais parecem ter sido feitos sob medida para os capoeiras. Para não abusar do espaço, ficaremos limitados às regiões do Congo, Mina e da Etiópia (mas a leitura de todos eles, com muita reflexão, é absolutamente fundamental):

1. Provérbios - CONGO

- *Montei num elefante, os amigos chegaram, morreu o elefante, os amigos se foram.*
- *O que o coração guarda, boca não fala.*
- *O tronco fica dez anos na água, mas nunca será um crocodilo.*
- *O que se diz em cima de um Leão morto não se diz a ele vivo.*
- *Quanto mais cheio o rio, mas ele quer crescer.*
- *Os dentes estão sorrindo, mas o coração, está?*

2. Provérbios - MINA

- *O provérbio é o cavalo da conversa, quando a conversa fica cansada, o provérbio a carrega na garupa.*
- *Só depois de atravessar o rio é que se pode rir do crocodilo.*
- ***Uma mentira só estraga mil verdades.***
- *O ódio é uma doença sem remédio.*
- *Quando o bobo aprende o jogo, os jogadores já se foram..*
- ***O dendezeiro já está grande; mas quem sabe se vai dar bons frutos?***
- *O mal sabe onde o mal se esconde.*
- *O gavião voa alto, mas sempre volta para a terra.*

3. Provérbios - Etiópia e Regiões Vizinhas

- *Pés impacientes dão na cova da serpente.*
- *O tolo fala, o sábio ouve.*
- *Modéstia demais vira fome.*
- *Quem ainda não sabe andar não pode subir escada.*
- ***A pobreza escraviza.***
- *O gato pode entrar num mosteiro, mas mesmo assim ele é um gato.*
- ***Um irmão é um ombro.***

Os livros brasileiros especializados, como esse do meu “primo” Dr. Nei Lopes, serão certamente bom começo para o capoeira-pesquisador que queira sair da grande areia movediça, fantasiosa e marqueteira, na qual grande parte dos atuais gurus, incluindo-se aí alguns “phds”, empurrou a História e a Fundamentação da Capoeira.

Ainda para começar, recomendaria a leitura atenta do livro “A Manilha e o Libambo”, do diplomata Alberto da Costa e Silva. Trabalho de fôlego, focado em aspectos econômicos, políticos e geográficos, fundamentais, portanto, para alargar a visão dos mestres-pesquisadores que, de um modo geral, preocupam-se mais com a versão “folclórica” desta História.

Elton Medeiros (na foto, com duas fãs), grande compositor e poeta, administrador, mestre (inclusive de Candombe) e bom amigo, em muito boa hora, chega a meu socorro colocando sua invejável coleção de livros à disposição, e já adiantando alguns nomes chave como Altair Pinto, Arthur Ramos, Câmara Cascudo, Édison Carneiro, Roger Bastide, Nina Rodrigues e outros, mas, sobretudo, colocando especial ênfase no trabalho do Professor José Flávio Pessoa de Barros. O que aumentou meu entusiasmo pela leitura de duas excelentes obras desse professor - “Olubajé, o banquete do Rei” e “A Fogueira de Xangô, o Orixá do Fogo”, livros realmente fundamentais que me foram emprestados pelo extraordinário jongueiro-seresteiro Lúcio Sanfilippo (Bar do Ernesto, Lapa, RIO, todas as sextas). Leitura obrigatória para o mestre de capoeira que tenha pretensões de ser aproveitado na implementação da Lei nº. 10.369!



Antes de garimpar mais longe, aqui mesmo na América do Sul, temos verdadeira mina de ouro em matéria de culturas negras. O CANDOMBE, uruguaio e argentino, é boa prova, bastando para comprovar, ler e escutar **Carlos Páez Vilaró** (“**Entre Colores y**

Tambores” e “Afrikandombe”) ou ouvir “**Cáceres - Murga Argentina**”, se possível lendo o texto encartado – “**La Historia Negada**” – também de autoria de Juan Carlos Cáceres.

Isso, repito, para começar, mas, quase ao mesmo tempo, será altamente recomendável a leitura de autores africanos. Como, por exemplo, o extraordinário **Pepetela** (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos): *Muana Puó* (publicado em 1978), *As Aventuras de Ngunga* (1973), *A Revolta da Casa dos Ídolos* (1979), *O Cão e os Calus* (1985), *Yaka* (1984 no Brasil, em 1985 em Portugal e em Angola), *Lueji, o Nascimento de um Império* (1989), *Luandando* (1990), ***A Geração da Utopia* (1994)**, *A Montanha da Água Lilás, fábula para todas as idades* (2000) e tantos outros. Ou ainda, José Luandino Vieira, ou o jovem pop-africano Ondjaki, para ficar apenas em três bons nomes. Para não ficar apenas em Angola, reforço esta relação (que está longe de estar completa), com o nome do moçambicano Mia Couto (António Emílio Leite Couto), com ênfase especial ao seu excelente trabalho “**Os Sete Sapatos Sujos**”.

Sendo aconselhável, também, até porque a Capoeira está muito presente nos Estados Unidos, lembrar alguma coisa da literatura clássica sobre a saga dos afro-americanos (Soul on Ice, Eldridge; Die Nigger die, Rap Brown; Growing up Black, editado por Jay David & Ragtime, Doctorow; From plantations to Gheto, August Méier e Elliot Rudwick;; e, entre vários outros, a Autobiografia de Malcolm X). Sobre a incrível experiência da África do Sul, não vejo livro melhor do que “When the Lion Feeds & The Sound of Thunder, de Willbur Smith (que me valeu uma tarde inesquecível em Johnybourg, que terminou, não em Madrid, como estava previsto, mas em Paris).

De conselho em conselho, é importante que se registre a importância da Internet nesse processo, pois existem sites extraordinários a respeito, como, por exemplo, o <http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br>, onde garimpei o brilhante parecer do Conselho Nacional de Educação, sobre “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. Parecer que – bastará lembrar - cita Frantz Fanon (“The wretched of the Earth”), guerreiro que, assim como Vinicius de Moraes, era um branco de alma negra, sendo que um, na poesia, outro, no jornalismo.

Bueno, o Sr. Cenésio Feliciano Peçanha, da Baixada Fluminense e do Mundo, extraordinário capoeira e pesquisador, salvo engano, viajou recentemente para Angola fazendo-se acompanhar por “phd” especializado nessa fascinante área. Quem sabe não seremos surpreendidos com resultados magníficos, muito acima das especulações que ora estão sendo resumidas? Oxalá.

Oxalá, pois esse novo tipo de enfoque seguramente ajudará a fazer, também, algumas importantes correções de rumo aqui mesmo, dentro do nosso Brasil. Pois o fato é que a grande maioria, senão todos, defensores-propagadores da capoeira de Mestre Bimba está completamente perdida (mas finge que não está), sem saber como preservá-la e muito menos como fazê-la progredir (o que Bimba, certamente, estaria fazendo, muito bem, se vivo ainda fosse).

Boa parte dos “Angoleiros” está igualmente perdida, vivendo de passado mais “folclórico” do que afro-brasileiro. Tudo terminando em *pizza* para os gurus e em **cesta básica demagógica** para eventual esfomeado que passa na porta de um congresso de capoeira ou na frente de uma câmera de TV. E tome “projeto de inclusão” especializado em exclusão.

Os demais tipos, correntes, estilos e “grifes” de capoeira, não tenho a menor dúvida, também já perceberam que está realmente na hora de vencer a mesmice, superar a fase infanto-juvenil (culto comercial ao passado, versões fantasiosas, fanfarrônicas etc) e adentrar, de vez, na fase adulta da Capoeiragem.

Tudo isso, evidentemente, tem jeito, tem e terá boa solução, até porque, como defendo nesse “cordel” a Capoeira, mandingueiramente, tem sábio e sólido mecanismo de autopreservação.

Vamos ao livreto.



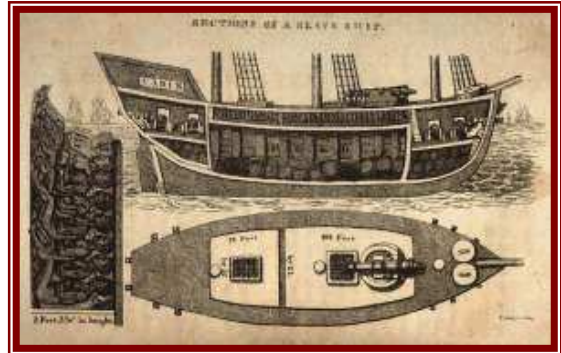
**O extraordinário, heróico, musical
e mandingueiro Blue Note
ou o polêmico Uncle tom?
Decisão de cada um. (*)**

(*) Ilustrações de REDI tiradas do artigo “Berimbau e Bateria”,
publicadas na Revista SENHOR (1963)

I - Capoeira no Navio Tumbeiro

Ainda sem o nome **Capoeira**
embarcou em navio negreiro
iludida por manobra traiçoeira
e lá se foi para o estrangeiro

...em confusa trajetória
que jamais será contada
corretamente pela História
escrita, falada ou televisada.



Viajou na mente e no coração
de um corpo escravizado.
Mas nem mesmo a escravidão
impediu o seu bom mestrado.

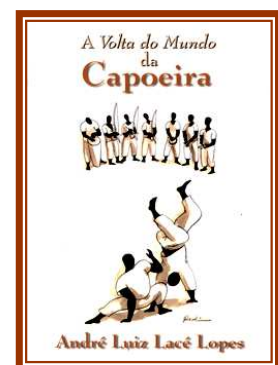
Foi crescendo pelo mundo
de forma sempre variada,
ora jogo guerreiro profundo
ora dança fraterna encantada.

II - Capoeira – Patrimônio Cultural do Mundo

No continente americano
a capoeira ressurgiu
ganhando novo contorno
justamente no Brasil

Há razoável documentação
jornais, livros e atestados
sobre a Capoeira no Maranhão
e em vários outros estados

Mas no momento atual
há disputa nem sempre sadia
para saber se a Capoeira
“nasceu” no Rio ou na Bahia



Uma briga apaixonada
às vezes com exacerbação
onde até data é trocada
em flagrante apelação

Mas em geral o resultado
nada tem de burlesco
pois está sendo avaliado
por um órgão da UNESCO

Que um belo dia anunciará
para satisfação geral
que do mundo a Capoeira será
imponente Patrimônio Cultural.

III – Capoeira no Rio de Janeiro

Na sua forma de luta
o porto mais certo,
não carece disputa,
foi o Rio de Janeiro.

Rio, antigo Distrito Federal
que merece urgente solução
Para começar não seria mal
desfazer a ditatorial Fusão

Só o Povo mobilizado
pode parar este processo
onde foge até empresário
com medo de retrocesso

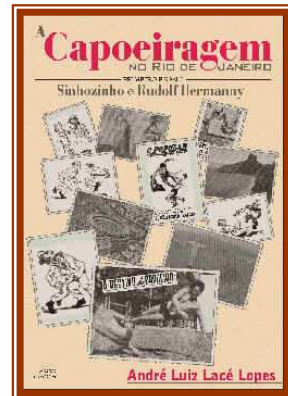
Voltemos após esta ciranda
a nossa querida Capoeiragem
que hoje vive mais de propaganda
sem perceber que faz bobagem

Mesmo tendo que aceitar
que berimbau e cantoria
ajudaram a propagar
a linda capoeira da Bahia



O capoeira do Rio Antigo
quase não usava berimbau,
mesmo em jogo amigo
em noite de fraterno sarau.

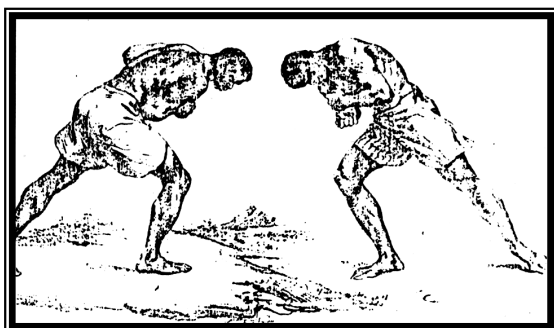
Usava mais a **sardinha**
e um porrete **preparado**.
Usava ginga curtinha
só para não ficar visado.



Não é o cantador afirmando
são os jornais do passado.
Que alguns estão rasgando
com um medo brabo arretado

Creiam, nada foi inventado,
nenhuma data foi trocada.
Tudo pode ser comprovado,
sem discussão alucinada

IV – Capoeira Afro-brasileira



Sim, o Jogo é Brasileiro,
oriundo da África, sim senhor!
Chegou no Navio Negroiro
trazendo Ódio e Amor

Ódio pela escravidão
Amor pela Liberdade
Ódio intenso pela prisão
Amor em forma de saudade

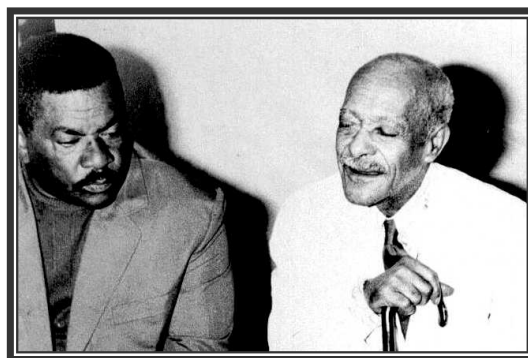
Mas é falsa a versão
que a capoeira nasceu
“da ânsia da liberdade”.
Isto não aconteceu.

Pois na África também havia,
apesar dos “capoeiras” de então,
lutas, mortes e antropofagia,
guerras tribais e, também, escravidão



Essa discussão na verdade
Tem ainda outra linha
defendida com genialidade
pelo saudoso Mestre Pastinha

Mas resumindo eu diria
- Não há capoeira sem Negritude,
sem ludicidade, ritmo e poesia,
sem mandinga e atitude!



Verdade sem alegoria,
mesmo sendo paradoxal
bem melhor que a fantasia
tão comum na regional

Nenhum homem é perfeito,
nenhum povo também não.
É melhor, pois, contar direito
sem reinventar a Tradição

Até porque, meu senhor,
mais do que trabalho braçal,
o escravo africano nos legou
grande contribuição cultural

Na cozinha, na linguagem
no ritmo, dança e canção.
No gestual, na roupa, na
na medicina, filosofia e religião

Com este rico legado,
que merece indenização,
nada precisa ser inventado,
não cabe mistificação

V - Capoeira RIO & Portugal

Voltemos, pois, para o Rio
onde a Capoeira floresceu
com lutadores de brio
como o Plácido de Abreu

Não foi, é certo, o primeiro
mas foi muito competente,
lutou pela capoeira,
foi morto covardemente

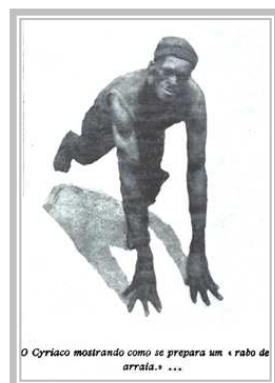


Antes, o Juca, **moço bonito**
criou impasse ministerial
Deodoro quase frito
devolveu-o a Portugal

O boêmio Manduca da Praia
que trabalhava na feira
gostava de um rabo de saia
virou lenda na capoeira

Moleque Cyriaco certa vez
em confronto internacional
venceu campeão japonês
com rabo de arraia infernal

Campeão de jiu-jitsu que tinha
vindo para o Rio de Janeiro
contratado pela Marinha
para ensinar a marinheiro

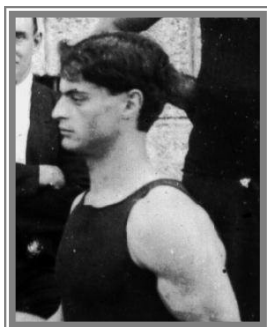


VI - Capoeira de Sinhozinho



Dando saltos na história, eu caio
na famosa Praia de Ipanema,
onde o famoso Agenor Sampaio
parecia até astro de cinema.

Por todo mundo admirado
homem de muita coragem
mestre muito afamado
da nossa capoeiragem



Sinhozinho ou Sinhô
foi um grande campeão
fazendo também vencedor
todos que ouviam sua lição

Artigos e livros, finalmente,
começam a ser publicados
sobre este paulista valente
e sobre seu rico legado

Legou, sobretudo, à Capoeira
o segredo da vitória.
Como luta verdadeira
que fez escola e História

André Jansen foi o primeiro
discípulo a se destacar
tornou-se exímio capoeira
impossível de se ganhar



Muito de capoeira sabia
melhor de todos foi considerado
certa vez na fascinante Bahia
foi delirantemente aclamado

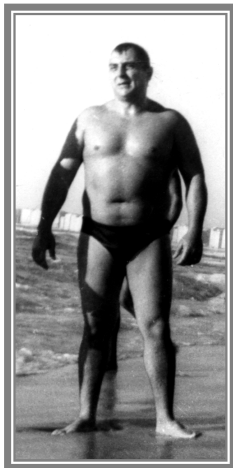
De Sinhô, a última ninhada
de campeões de verdade
foi admirada e imitada
pois mostrou superioridade

Rudolf Hermann, talvez o melhor
de livros e discos personagem,
subiu no ringue ainda “di menor”
e brilhou com a sua capoeiragem



O segredo desta eficácia
pode e deve ser resgatado
com humildade e audácia
para esquecer o que anda errado

Neyder Alves desassombrado
também grande professor
respeitado e admirado
até pelo seu bom humor

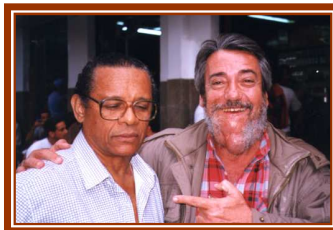


Praticou e ensinou muito bem,
a Capoeira de Sinhô.
formou escola também
mas cedo demais nos deixou

Como esquecer mestre Paulinho,
bom aluno, melhor professor
sempre com seu cavaquinho,
louvado e premiado compositor

Tem Serginho, o sumido,
extraordinário contador.
Hoje meio desaparecido
mas que foi exímio jogador

Sem o assunto esgotar,
tem o líder Mestre João
de valentia sem par,
Fiscal informal do Leblon



Código da Vinci &
Arte da Capoeira -
Mistério # 1

João, sempre generoso
exemplar militante cidadão
mas, às vezes misterioso
como no caso da tal versão

VII - Capoeira na Lapa Boêmia



Já ia esquecendo
a Lapa de Antigamente
parece até que estou vendo
o Camisa Preta valente

E tantos outros capoeiras,
como o nordestino Satã.
Que começava a brigar de noite
é só terminava pela manhã



Outro que já virou lenda
livro, filme e cordel!

Uma curiosa legenda
que vai da igreja ao bordel.

Surgiram no Rio, em primeiro lugar
as academias de capoeira
sendo mais do que justo destacar
a Escola de Agressão Jayme Ferreira



E a Lapa de hoje em dia
O que se pode dizer?
Além de samba, choro e boemia
tem o Quilombo do Mestre Arerê!



VIII - A capoeira suburbana, da Baixada e do “Estado do Rio”

Essa época, afinal, passada
surge mais gente de primeira
no Subúrbio e na Baixada,
jogando excelente capoeira

A praça dos Pacificadores
na capoeira tem tradição,
todos os bons pesquisadores
vão a Caxias aprender lição

Também a festa da Penha
reunia e reúne tanto capoeira
que p'ra jogar precisa senha
e uma negaça bem ligeira

Havia no bairro de Madureira
um portuário angoleiro,
"o melhor na Capoeira",
segundo Edison Carneiro



Código da Vinci & Arte da
Capoeira - Mistério # 2

Mestre de grupo muito antigo
que fez grandes apresentações
com Paraná, Mucungê e Comprido...
em quase todas as exibições.

Em Bonsucesso impressionava
Artur Emídio de Oliveira,
sua academia sempre lotava
na roda dominical de capoeira

Artur Emídio magistral,
era mestre de primeira
não era Angola nem Regional,
era, simplesmente, Capoeira!



Era por todos procurado
que buscavam a perfeição
Muito embora, hoje, afastado
muitos lhe neguem a mão.

Mestre Djalma Bandeira
outro que já foi embora,
um brilhante capoeira
que não pode ficar de fora.



Havia também o Leopoldina,
hoje figura internacional,
com a sua capoeira ladina,
nem Angola nem Regional...

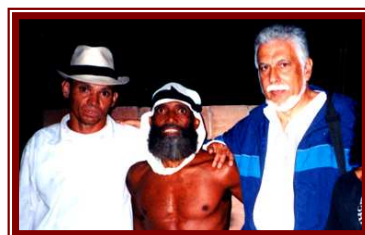


Fui eu que, pela primeira vez,
levei Mestre Vilmar à Senzala
Vilmar Brito da Cruz tanto fez
Que até hoje dele se fala



Nas rodas, Mestre Malhado
era sempre talento e alegria
difícil de ser apanhado
jogo sempre cheio de magia

Havia o Dentinho bendito
excelente jogador
que ainda joga bonito
além de ser bom corredor

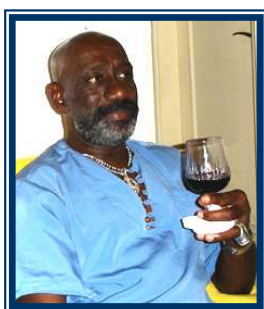


Na riqueza suburbana
que, na época, era sem fim
havia outro grupo bacana
chamado Capoeira Bonfim

Paulo Gomes, grande cantador
por todos considerado
valente e empreendedor
ABRACAP foi seu legado

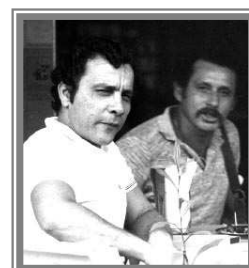


Assim como Plácido Abreu,
em longínquo passado,
Paulo Gomes também morreu
covardemente assassinado



Na famosa Escola Quilombo
Mestre Nacional reunia
capoeiras que sem assombro
jogavam com sabedoria

A lista é inesgotável,
mas lembro agora em boa hora,
o nome de outro notável,
que a História não ignora



Mestre Zé Pedro valente,
bom amigo e agregador
liderava Roda excelente
superlotada de professor

O grupo Senzala iniciante
hoje com fama internacional
foi testemunha marcante
desta fase sensacional.

Grandes nomes, Rafael Ebapeano
seu irmão Paulo, bom angoleiro,
Preguiça, hoje californiano
quase todos, agora, no estrangeiro

Passou ainda por esta Cidade
um grande mestre muito capaz
de grande personalidade
que foi o Mestre Pedro Moraes

Continua ativo na Capoeira
mas não aceita liderar
Por magia feiticeira
Ou por estilo de “gingar”



Código da Vinci & Arte da
Capoeira - Mistério # 3



Mas, não apenas no Rio Capital
e sim em todo “Estado do Rio”
há registros de Capoeira original
que não temia nenhum desafio

Foi um tempo de jogo aberto,
sem nenhuma combinação.
Jogo dentro, jogo perto.
Talento, ginga e coração.

IX – A “volta do mundo” da Capoeira

Hoje em dia a Capoeira
está no mundo inteiro.
Mas com pouca rasteira
e com muito mestre “salteiro”

Tem mestre só de Carteira,
tem mestre só de Avião,
tem até capoeirista
que é “mestre” em Palavrão.



Tem circo com mulher barbada
X-9 e especialista em machice
sempre muito preocupada
em comércio e fanfarronice

Tem profissão corporativista
rondando de modo cruel
querendo até passar em revista
ginástica sexual em motel

Se Capoeira é Educação Física
cabe aí discussão meio patética
chegando às raias da metafísica
dentro de uma Roda Dialética

Já existem mais de cem
leis e projetos nesta refrega
provando que o Brasil tem
“lei que pega e que não pega”.

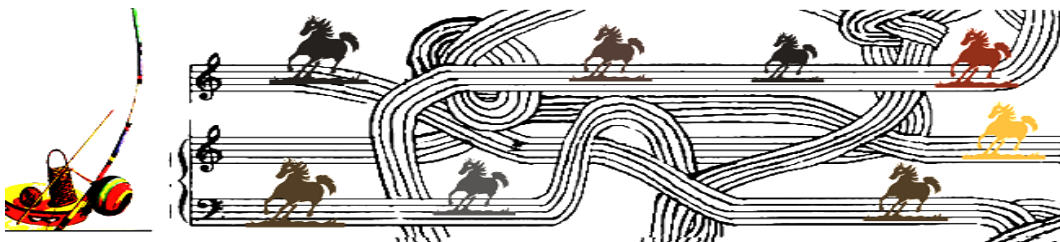
Tem mestre que faz “cordel”
mas não é repentista.
faz e vende a granel
formando mestre “cordelista”.

Quem foi teu mestre, menino?
Quem te deu o teu mestrado?
Ou será que o teu ensino
não passa de cordel comprado?

Que a Unesco, pois, tome cuidado
com o seu procedimento
para não deixar tombado
o que é mero aburguesamento.

*“Preto velho quando fruta
vai parar na detenção
Sinhô branco quando fruta
Ganha título de barão”. (Domínio Público)*

X – Orquestra, Toque e Cantoria



A orquestração mais antiga
deve ser respeitada
daí pra frente é catimba
ou...mudança inspirada.

Os toques seguem nesta estrada
respeitosos com a tradição
mas surgindo coisa inspirada
pode-se abrir exceção...

A capoeira cantada
tem importante função
mas está sendo usada
como usina de alienação

O canto evolucionário
com justa revolta social
virou canto reacionário
cheio de prosa individual

Mestre agora – é voz corrente
não canta chula, canta “song”
não há mestre que não tente
fundar sua própria “ONG”.

XI – Congressos Eleitoreiros & Turísticos

Só de “primeiro congresso”
mais de cem já frequentei
mas sempre deles regresso
sem entender o que escutei

Boa parte é queima de verba
em grandes fogueiras de vaidade.
Pobre de quem se exacerba
perdendo tempo e serenidade

Em toda época de eleição,
caramba, como tem candidato
mostrando preocupação
com nosso confuso desiderato

Pois a união da Capoeira
em véspera de eleição
seria vitória certa
para qualquer sabichão

O que seria bom, certamente
e acabaria com todo mal
se a união fosse permanente
e não mera promessa eleitoral

Continuo, entretanto, otimista
pois é flagrante a renovação
o novo pesquisador-capoeirista
buscando a verdadeira razão

Todos, finalmente, exigindo
a verdade e não a versão
Para que, afinal, ficar fingindo?
Capoeira não precisa disto, não.

XII - Mestres Emergentes e Grandes Mestres

Velhos mestres de Ontem
voltam a liderar o ensino
pois afinal “roupa de homem”
não cabe em “mestre-menino”.

Desta mistura inteligente
de mestre da velha capoeira
com o mestre emergente
ressurgirá a capoeira verdadeira

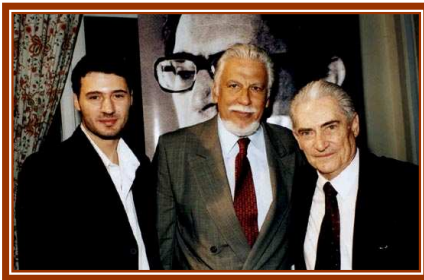
Com todo respeito, seguramente,
aos bons mestres intermediários
pois boa parte é competente
apenas alguns são mercenários

Sem este mote esgotar
apresento aos caros senhores
apenas para exemplificar
alguns bons pesquisadores

Marujo, o Alexandre Silveira
com seu apito e chapéu
no mundo deu uma rasteira
e foi jogar na Roda do Céu

Mantenho, entretanto, nesta seção
este jovem mestre agora ausente
pois na História e em nosso coração
Marujo estará sempre presente



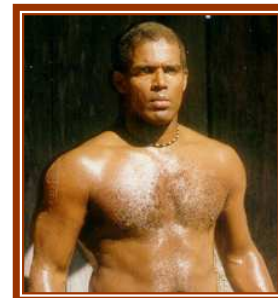


Ricardo Lussac, o Mestre Teco
joga e pesquisa com ousadia
desprezando o falso repeteco
da comercial versão fantasia

Mas sobre ela conjectura
revelando muita sabedoria
recomendo forte a leitura
da sua quilométrica monografia

Valendo ainda lembrar
Mestre Hulk capoeirando
que sem medo de lutar
pesquisa capoeira lutando

Assim como Mestre Garra
aluno seu muito aplicado
que enfrenta pesada barra
na roda, ringue ou tablado



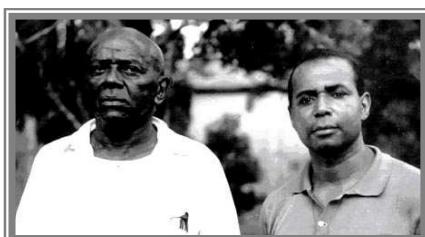
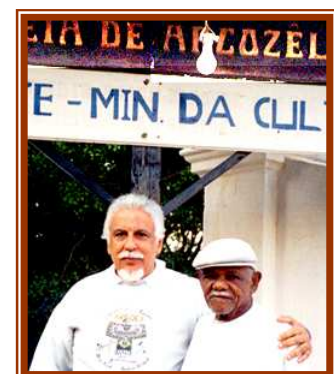
O impossível aconteceu
No Rio, veja você
Luiz Antônio de Abreu
louvou o Passado num Cd

Bom mestre, bom cidadão
Luiz Mestre Grilo, o autor
será na próxima eleição
um excelente vereador



De Santa Catarina, Mestre Kadu
e outros mestres, com seriedade,
lembra a história do "rei nu"
aos que não gostam da verdade

A casa de João Pequeno em Salvador
é pequena para hospedar
os que procuram o grande professor
para aprender e pesquisar

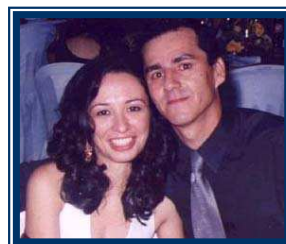


Mestre Bimba, que entrevistei,
revelou genial conhecimento
da "cintura desprezada", que admirei,
à triste marcha do aburguesamento

Mestre Robson sergipano
 Família linda, Rua Particular
 valente vai enfrentando
 o que o Destino mandar



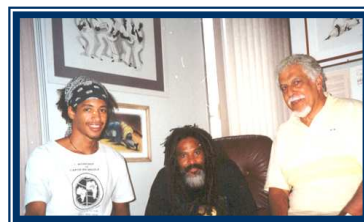
O paulista Miltinho Astronauta
 bom capoeira sem mestrado
 deixou seu Jornal sem pauta
 e partiu para o doutorado



Também na Terra da Garoa
 Nzinga, para quem quiser
 vai mostrando numa boa
 o papel da capoeira-mulher

Gente que sabe que a ginga
 nem sempre é para ser gingada
 a voz de grupos com o Nzinga
 está na hora de ser escutada

Da Praça dos Pacificadores
 para Minas, Bahia e o Mundo
 Cobra Mansa, meus senhores
 é mestre de fundamento profundo



Saindo barra afora
 começando por Portugal
 É possível ver agora
 um quadro magistral



Mestre Umoi

Capoeira com sabedoria
 teoria e prática geral
 em Lisboa, Cascais, Porto, Leiria...
 e, sobretudo, na Coimbra doutoral

A França de grandes valores,
 mil visitas sempre merecerá
 para conhecer seus professores
 começando pelo Mestre Guará



Não é possível a todos citar
 mas arrisco uma outra citação
 que está em Marselha a brilhar:
 o excelente Mestre Camaleão

Yara Marisa, a comandante! E as Artes da Capoeira e do
 Savate-Chausson. Mistério # 4

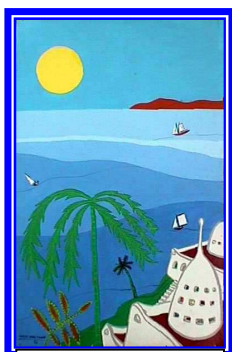
Mestre Pedrinho do Rio de Janeiro
na Argentina fez exemplar divulgação
no México plantou outro Terreiro,
E na Espanha, agora, faz plantação



Itália tem mais de uma federação
de uma delas, Coruja é Presidente
aprendeu do seu mestre a lição
desenvolve trabalho competente.



Em Nova York, meu camarado
está o Grande Mestre João
com exemplar doutorado
e genial especialização



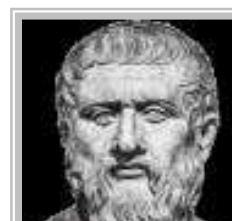
**Código da
Vinci & Arte
da Capoeira -
Mistério # 5**

Uruguai de Vilaró e Galeano
tem o contramestre Exterior
com seus alunos pesquisando
artigos e livros de real valor

Enfim, capoeiras estudando
buscando apenas a verdade
as mentiras abandonando
no lixo da incredibilidade



Não fosse muita indiscrição
eu revelaria nomes sem parar
nomes que famosos serão
como certo filósofo do Canadá



**Código da Vinci &
Arte da Capoeira -
Mistério # 6**

XIII - Teoria Conspiratória e “Uncle Tom”

Serviços de Inteligência,
ajudaram tráfego tumbeiro;
mas, não há mais paciência
para aturar tanto atoleiro.

Verbas desperdiçadas,
projetos alienados,
versões fantasiadas
“congressos” despreparados

Capoeirista é desconfiado
e já não é sem razão
veja mais sobre o riscado
na Teoria da Conspiração

Pela qual, diabolicamente
bons Projetos de Inclusão
modificados sutilmente
viram **Projetos de Exclusão**

O “blue note” enfeitado
do jazz e da capoeira
cede espaço contrariado
ao “uncle tom” da rasteira

XIV - – Capoeira tem mecanismo de autopreservação!

Mas é dentro da própria Capoeira
que sempre sai a melhor solução
um remédio mandingueiro
para sua autopreservação

Nada de ser utilizada
para lavagem cerebral,
sendo toda fantasiada,
para venda comercial.

Este quadro, felizmente,
começa a mudar agora,
todo autor que mente
terá que sair barra afora

não sem antes, cinicamente
este cordel plagiar
colocando data diferente
o que é hábito secular (*)

Mas o capoeira emergente,
no Brasil e no exterior
cada vez mais consciente
não aceita mais plagiador

Livros, repito, estão surgindo
mostrando a realidade
da qual muitos estão fugindo
com medo da pura verdade

Um belo dia, certamente,
surgirá a grande solução,
juntando toda esta gente
numa exemplar União



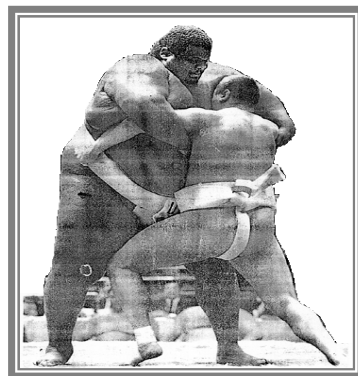
Terminará finalmente,
toda esta grande confusão,
surgindo curiosamente,
uma única divisão

Pois cada capoeira, cada pessoa
estará percebendo enfim,
que só existe a Capoeira BOA
...e a Capoeira RUIM

Quer jogando a velha capoeira
angola, mandinga e tradicional;
quer lutando a capoeira
de Sinhozinho ou Regional

Nada de ginga marcada
Nem *marketing* pessoal
nada de grito ou facada
nem fanatismo fatal

Muito menos luta agarrada
Como dizia Mestre Sinhô
Capoeira é desgarrada
Não é luta de sumô



Pois capoeira teleguiada
só serve ao senhor patrão
mesmo vindo disfarçada
com falsa autenticação

Mestre pobre, rico não ficará
perde apenas sua individualidade.
Mestre preto não embranquecerá
apenas perde sua identidade

***Portanto a solução verdadeira
será não haver solução
pois a legítima Capoeira
nasce pronta no coração***

André Luiz Lacé Lopes
Quarta Ensaio - Leblon / RIO – Abril / 2007

Homenagem aos Poetas Cordelistas (da 1ª Edição)

Algumas décadas atrás fiz memorável entrevista com Mestre Canjiquinha, quando da sua apresentação no Pavilhão de São Cristóvão. Pavilhão que, após longo tempo desativado, foi totalmente remodelado passando a abrigar a famosa “Feira dos Nordestinos” que vinha sobrevivendo, heroicamente, em suas calçadas. Ganhou nome inspirado de Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

Mesmo assim, fui no outro dia um pouco preocupado rever o Pavilhão. Preocupado, pois, às vezes, inovações descaracterizam mortalmente um rico passado.

Tive, entretanto, grata surpresa, encontrei reforma realmente adequada ao lugar e ao propósito.

Reencontrei alguns poetas repentistas e conheci mais alguns outros. Gente de muito valor que, assim como o resto do Rio, ressentia-se de mais apoio.

Conheci livreiros, pesquisadores e especialistas em xilografia. Visitei, também, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), onde fui tratado com generosidade. Depois de uma dessas visitas, cheguei em casa, peguei o violão, liguei o gravador e fui tirando versos extremamente simples, em quadras portuguesas, sobre o mote Capoeiragem no Rio de Janeiro, no Brasil e no Mundo. No dia seguinte passei tudo para o computador, sem mexer no verso (embora tenha sido tentado). Mas, **repente é repente...**

Animado por amigos, especialmente da capoeira e do cordel, resolvi partir para o meu primeiro livro de “suetos”. Domingos Sávio, mais uma vez socorreu-me com a idealização da capa e quarta-capa, e coordenou a montagem e reprodução gráfica do livreto.

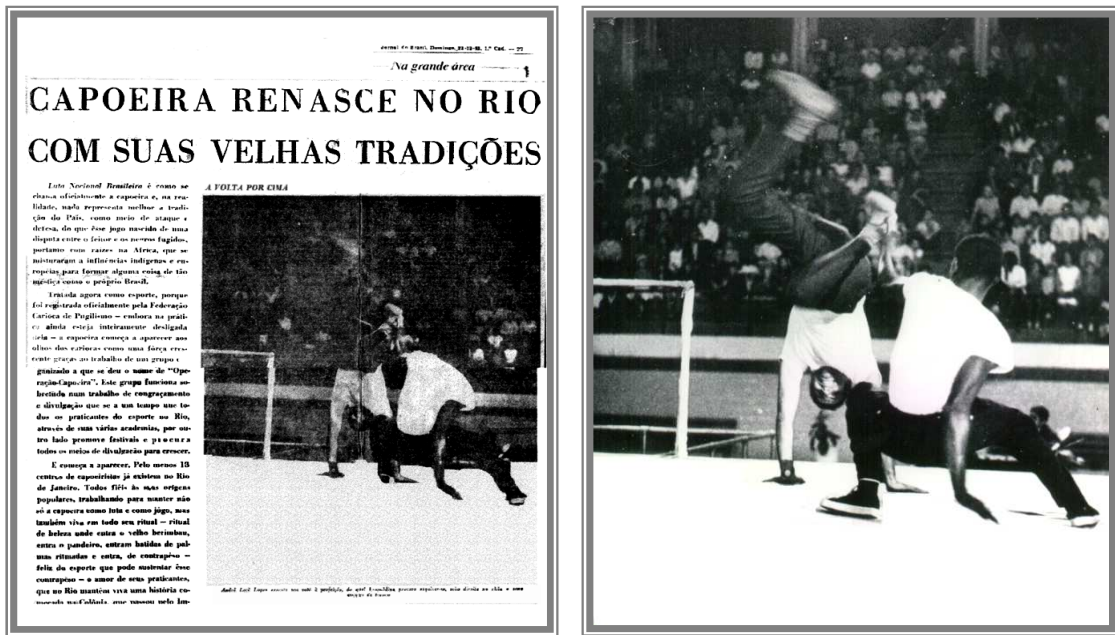
Trata-se de um primeiro ensaio, menos até, um primeiro rascunho. Tratarei de aprender mais alguma coisa e, aí sim, reverei o presente trabalho e partirei para novos temas. Embora despretensioso. Ingênuo e capenga como cordel, acredito que o livro dará razoáveis subsídios para conversas capoeirísticas.

Caso algum mérito seja detectado no trabalho que seja entendido como singela homenagem a todos os poetas cordelistas, especialmente os da internacionalmente famosa Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, e, muito particularmente, ao Mestre Redi, o maior cartunista repentista de todos os tempos.

**André Luiz
Leblon, RIO**



O Autor, sua Obra e registros especiais

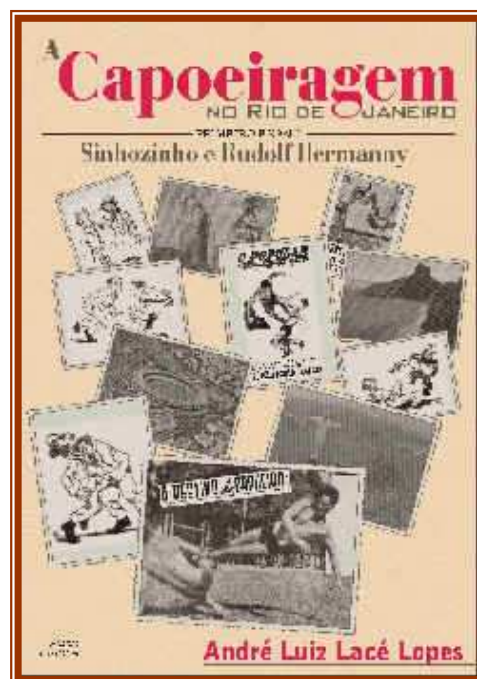
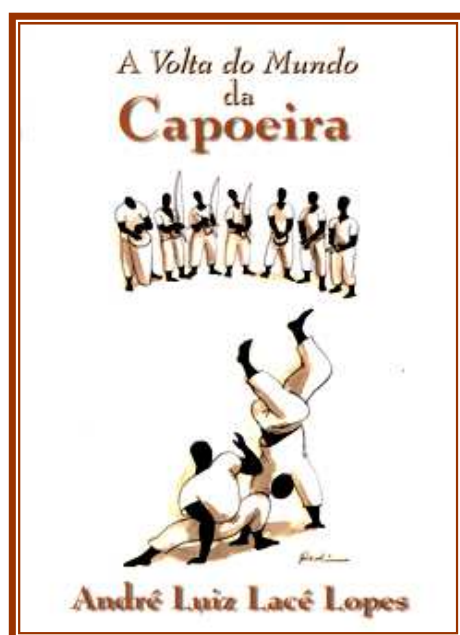
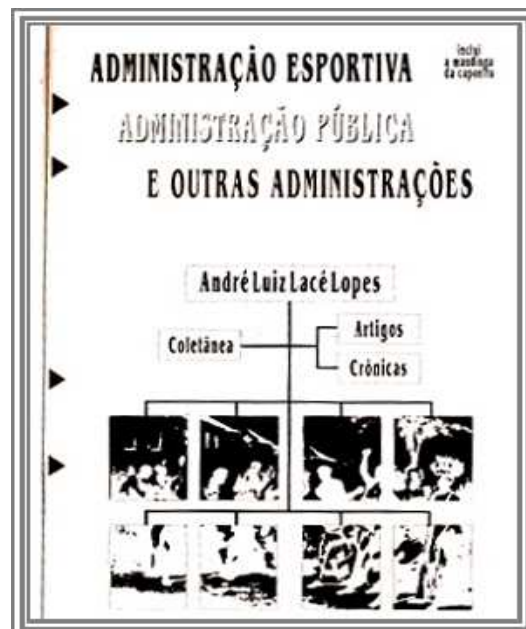
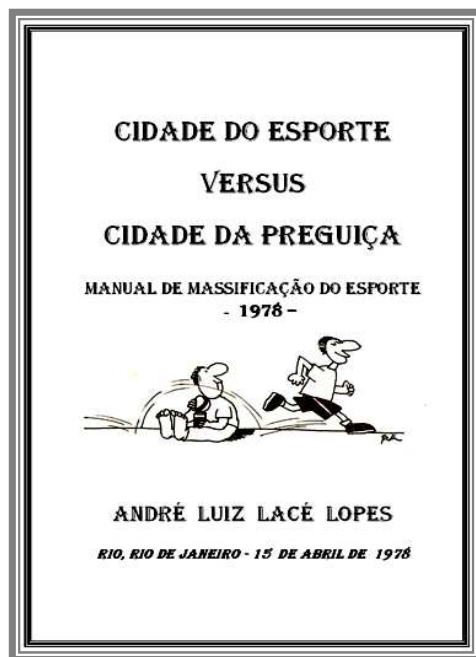


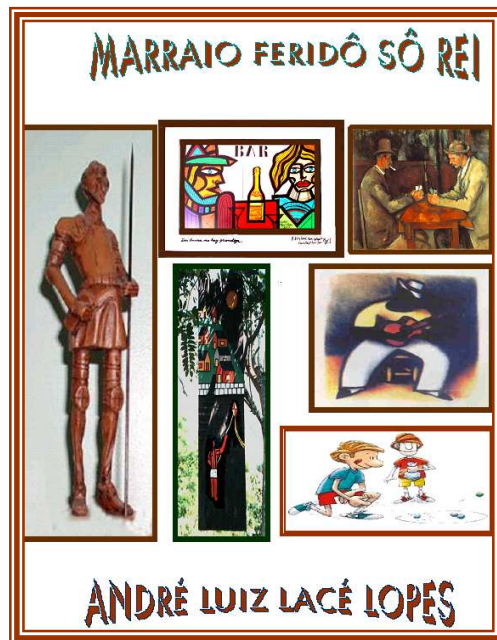
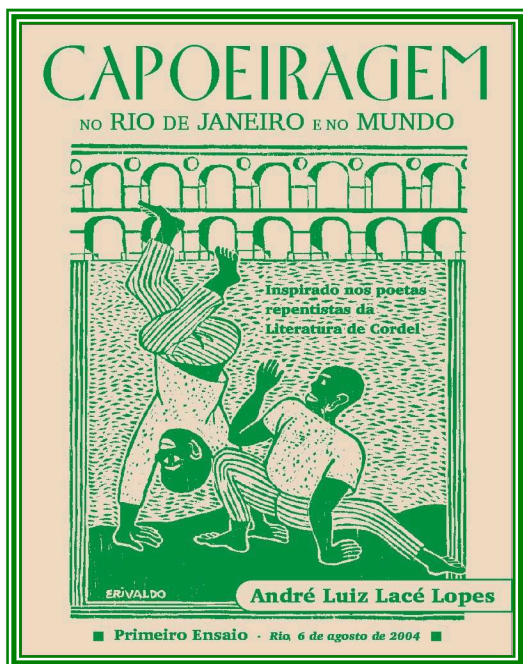
Article du *Jornal do Brasil* du 22.12.1963 montrant un duel de capoeira entre André Lacé et Leopoldina.

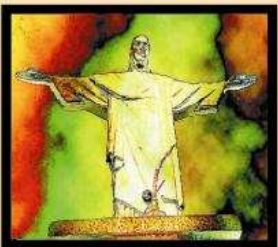
André Luiz Lacé Lopes, paranaense, 68 anos, é jornalista, escritor, poeta e mestre em Administração pela universidade de Syracuse, em Nova York. Autor de vários livros, com vários contos e poemas premiados. Praticou e ensinou capoeira na sua juventude (estilo Sinhozinho). Radicado no Rio de Janeiro, Leblon, há 60 anos. Casado com a advogada e administradora Arly Silva e Lisboa Lacé Lopes, tem duas filhas, Dilcéa Maria e Daniela.

Site: www.andrelace.cjb.net

OBRAS DO AUTOR



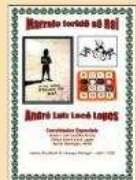
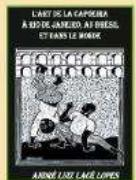




"Realmente, cada estrofe encerra um festival de mandingas, de dar inveja ao Código Da Vinci...".
Samuel Toeb
Tenor Brillante, Mestre de Capoeira e em Administração.

"André Lacé a choisi ce genre littéraire pour raconter son histoire de la capoeira au travers de chroniques, légendes et témoignages, tout cela dans un humour grinçant enrobé de joie de vivre. C'est bien le style des "repentistas": la rime importe parfois plus que le sens, les énumérations fréquentes permettent de prolonger un air endiablé, les attaques les plus ciblées s'achèvent par des pirouettes. Personne n'échappe à la plume de l'auteur: les lutteurs de la régionale, de l'angola, les anciens, les nouveaux, les morts et les vivants."
Hélène Roland
Paris, mars 2005 (Édition française).

Próximos Lançamentos:

Capoeiragem

NO RIO DE JANEIRO, NO BRASIL E NO MUNDO



André Luiz Lacé Lopes



Il existait déjà trois ou quatre plus anciens en vers parlant de la capoeira, mais sans aucune référence historique, philosophique, ritualiste ou religieuse. La nouvelle se répandit et d'autres ouvrages de ce type sont apparus, mais cette fois-ci sans esprit commercial ou prétentieux. Leur objectif restait identique à celui d'André Lacé : réfléchir plus profondément sur ce phénomène appelé "capoeira".
Guarã - Rio/Paris.

L'Art de la Capoeira

à Rio de Janeiro, au Brésil
et dans le Monde



2005
L'année du Brésil
en France

André Luiz Lacé Lopes



Maître Redi - Le Code de Vinci & L'Art de la Capoeiragem # 7 1?

"Cette immense richesse de la capoeira, inégalable et fascinante se transmettait très bien, sans remous, par la bouche à oreille. À cette époque, les vrais joueurs de capoeira n'étaient pas seulement gardiens du rituel, mais aussi et bien évidemment journalistes, chroniqueurs, historiens, conteurs, sorciers, prédicateurs, professeurs... des ménestrels modernes improvisant des vers au son du berimbau."
André Luiz Lacé Lopes Rio, juillet 2005



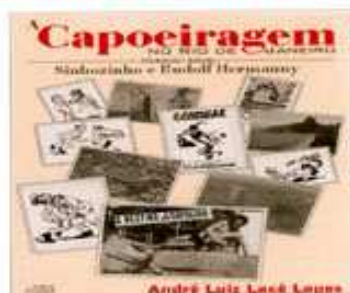
- Il est vrai que chaque strophe se termine en un festival de fatalités que jalouserait le "Code de Vinci ... 1".
Samuel Taub
Brilliant Tócor, Maître de Capoeira et Professeur en Administration, Rio

Registros Especiais em DVD



CAPOEIRAGEM

Clube do Flamengo - Lançamento de Livro!
Capoeiragem no Rio de Janeiro:
Sinhazinho e Rudolf Hermann



EXTRAS

Escândalo:
- Diretor da OEA tocando pandeiro em TV
Entrevista - Fundação Roberto Marinho

CAPO: Flamengo & Livro SINHÔ & HERMANN; ALL Pandeiro em DC; FRM Entrevista







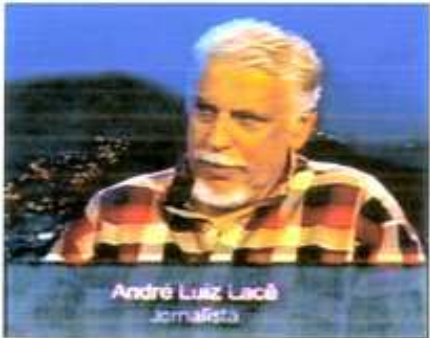

CAPOEIRAGEM

André Luiz Lacé Lopes

Entrevista - TV

Programa ISTO É BRASIL

de LUIZ SALOMÃO



André Luiz Lacé
Jornalista

CAPOEIRAGEM & TV: Entrevista André Luiz à Luiz Salomão






O SANGUE DOS VALENTES ENSOPOU A QUADRA DE CIMENTO DO ESTÁDIO DO VASCO




RAPOULI - INGRAMARI, OLIVIERO e BORGES, depois com o grupo de capoeira com o nome de RAPULI, OLIVIERO, BORGES e BORGES, em 1970, no Estádio do Vasco da Gama, em Rio de Janeiro.

Capoeiragem em Nova York - André Lacé




CAPOEIRAGEM

André Lacé visita Dr. João Grande em Manhattan - Nova York








CAPO: REDI & DANI, Entrev. Aracaju, Viterbo, Quiosque Lagoa

Capoeira

Apresentação: Daniela Lacé

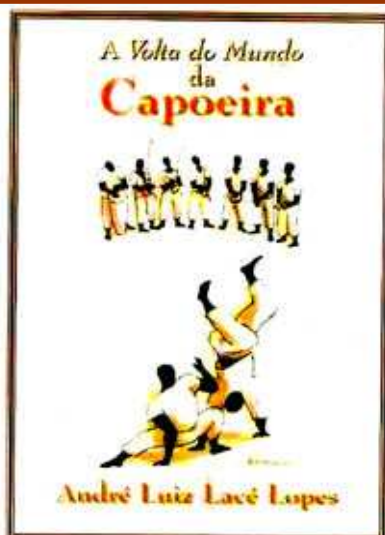
Fundo: Genial REDI

Entrevista I - Aracaju

Capoeira VITERBO & ITÁLIA

Entrevista II - Aracaju

Entrevista III - Quiosque, Lagoa



MARIO SOARES
Produções

2522-1140/2247-5602

www.mariosoares.com.br

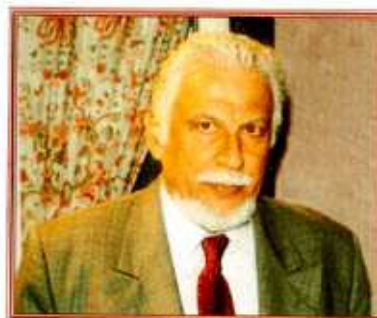
Rua Visconde de Pirajá, 281 sobreloja 209
Ipanema - Rio de Janeiro - RJ.



Capoeiragem no Rio e no Mundo

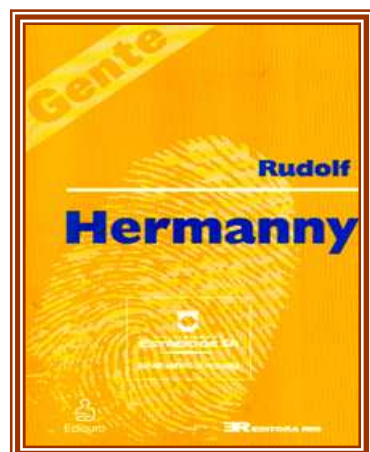
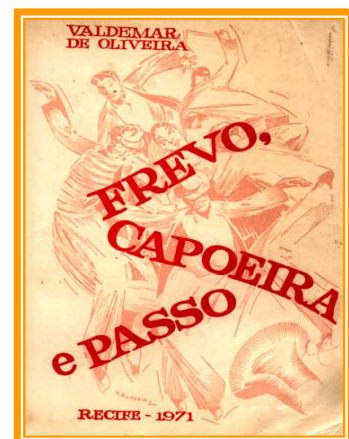
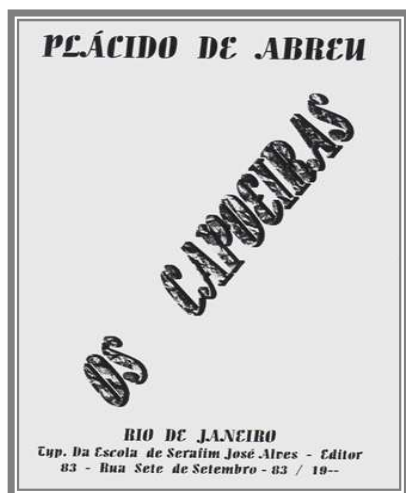
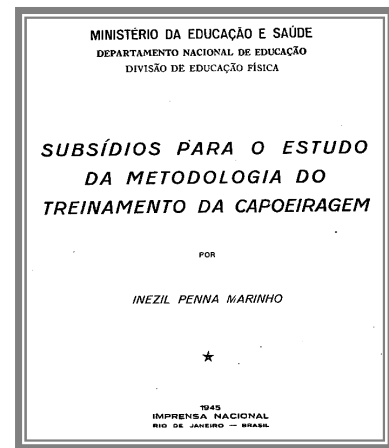
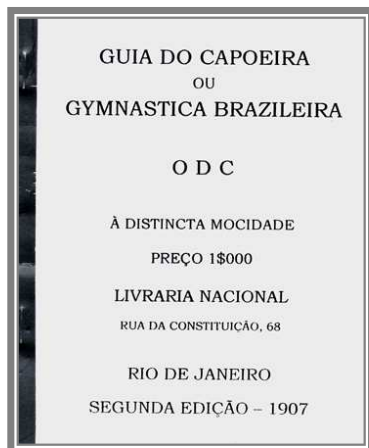


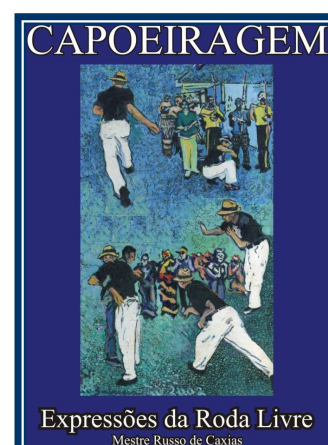
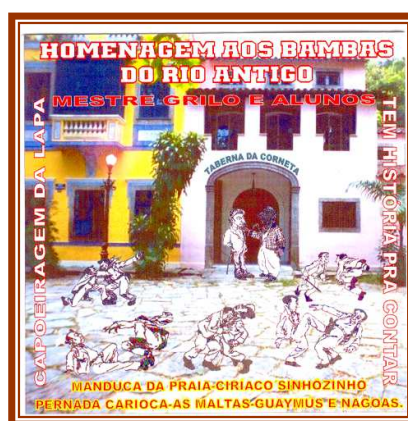
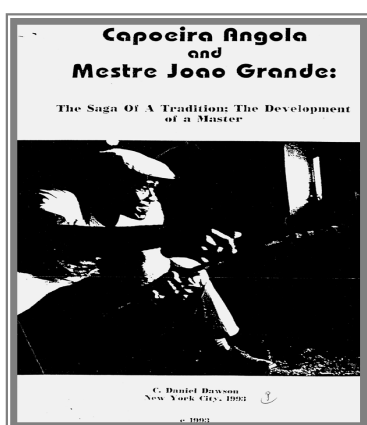
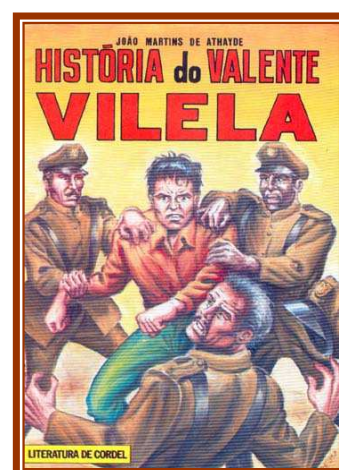
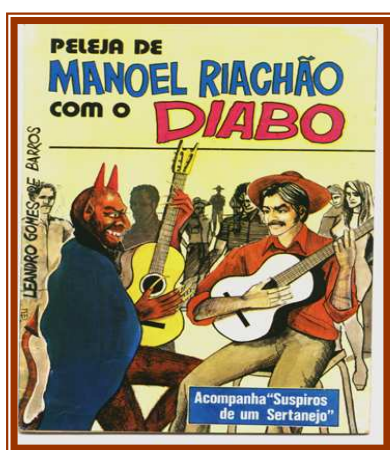
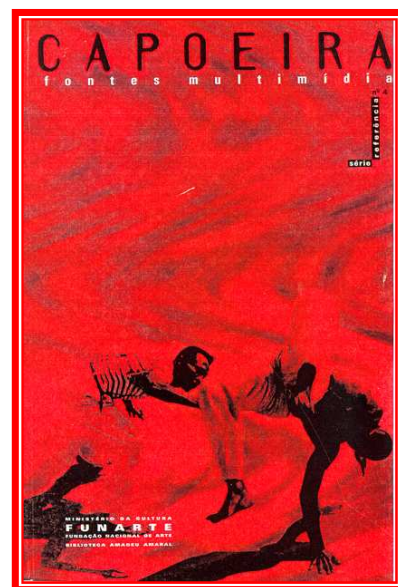
CAPOEIRAGEM
NO RIO E NO MUNDO
história & fundamentos
Administração Geral
Administração Pública
Jornalismo



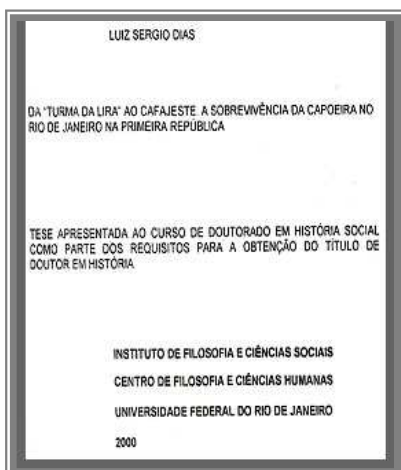
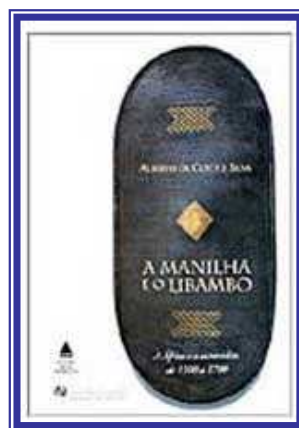
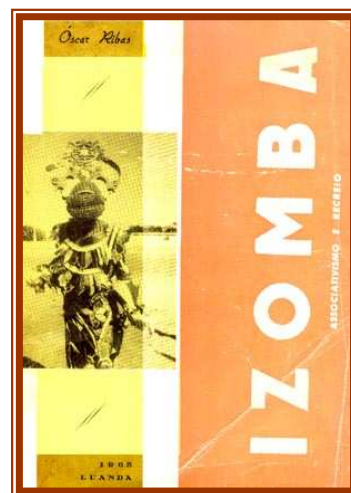
André Luiz Lacé Lopes
Leblon, set/out 2004

Biblioteca Básica do Capoeira ***Algumas sugestões***





CD - Música



DEDICATÓRIA

*Quanto à Dedicatória
que é sempre de bom tom
dedico essa estória
à Dona Arly do Leblon*

*Sobrando ainda papel
dedico também a poesia
deste modesto cordel
à Dona Dilcéa Maria*

*Incluindo, ainda, nesta lista
Daniela “nova-iorquiana”
tradutora e grande jornalista
em fase existencial tijucana*

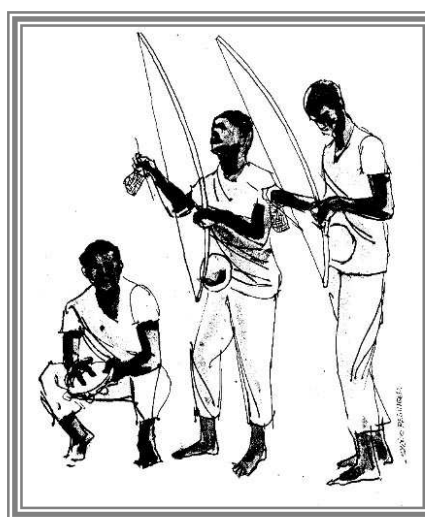
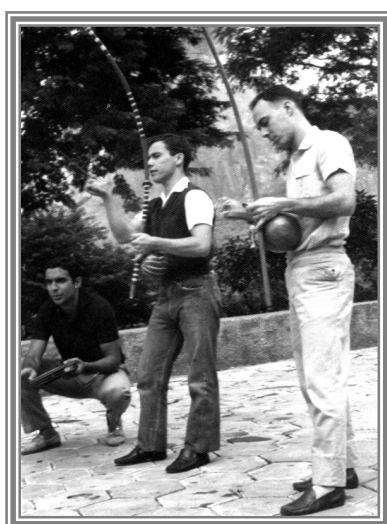
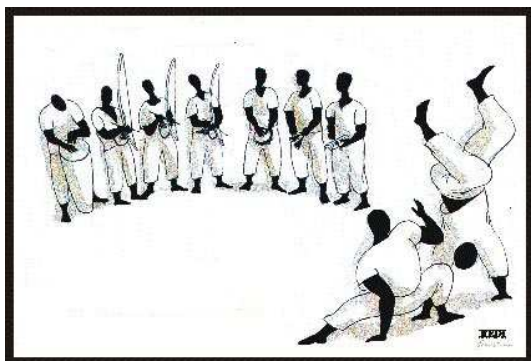
*Sem esgotar amigos &
família
com sentimento profundo
à Dra. Lilia e à Santa Cecília
com o maior beijo do mundo*

*Aos que ficaram de fora
não perderão por esperar
pois começo a escrever agora
um Galope à Beira Mar*

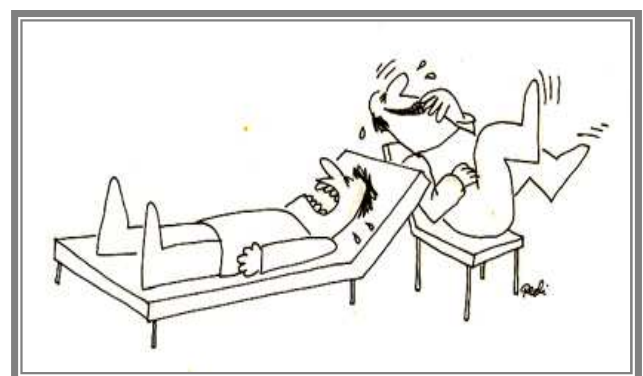
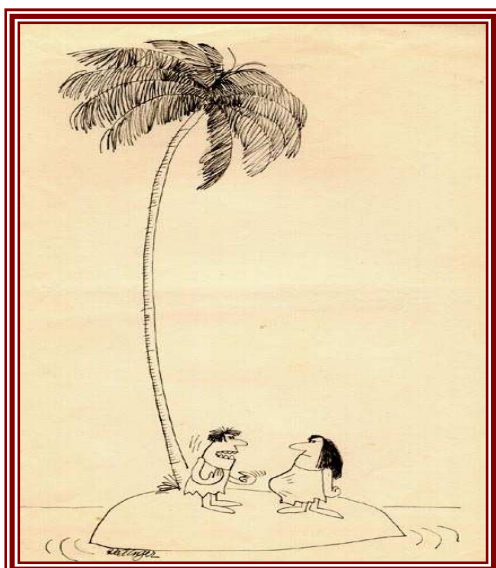
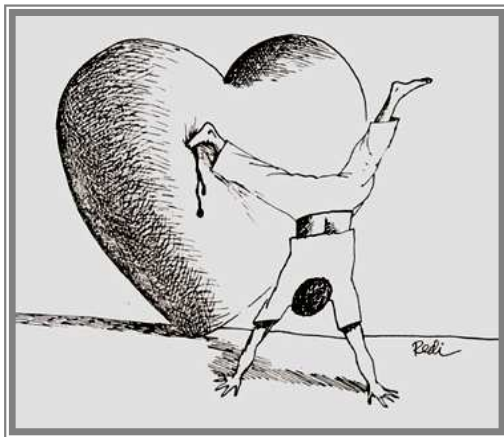


Mona Liza (Vinci), Sabasa Garcia (Goya),
Madame Henriot (Renoir) e Arly Sergipana
(ALLL). Código da Vinci & Arte da
Capoeiragem – Mistério Especial.

HOMENAGEM AO MESTRE CARTUNISTA REDI



Código da Vinci & A Arte da Capoeiragem – Mistério # 7 !?



Quarta capa - Terceira Edição (português)



Esclarecimento & Sugestão

Embora ampliada, também esta terceira edição, obviamente, não cobre toda a legião de mestres do Rio de Janeiro, muito menos do Brasil e do Mundo. A exemplo dos meus livros anteriores e de todos meus artigos, cito um ou outro capoeira ou pesquisador, em função do contexto do capítulo e do grau de aproximação que tive com cada um. Respeitando os mestres que preferem o anonimato e repelindo os mestres que, pragmaticamente, pagam para ganhar imagem pública (o que, diga-se de passagem, não é pecado). Tenho fé, entretanto, que um belo dia, governo, empresariado e mestres de capoeira, de mãos dadas, publiquem o ATLAS DA CAPOEIRAGEM. Aí sim, todos deverão ficar imortalizados. Com toda razão e mérito. *O Autor.*



Mestre REDI. cartunista, pintor e filósofo. Rio de Janeiro & Nova York